



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE PALMAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO ACADÊMICO EM
COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE - PPGCOMS

ELÂINE NOLÊTO JARDIM

**ARRAIÁ DA CAPITAL:
PANDEMIA E IDENTIDADE DOS QUADRILHEIROS DE
PALMAS-TO**

Palmas – TO
2022

ELÂINE NOLÊTO JARDIM

**ARRAIÁ DA CAPITAL:
PANDEMIA E IDENTIDADE DOS QUADRILHEIROS DE
PALMAS-TO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade (PPGCOMS) para obtenção título de Mestra em Comunicação e Sociedade e aprovada em sua forma final pelo orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador: Dr. André Luís Campanha Demarchi

Palmas – TO
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

J37a Jardim, Elaine Nolêto.
Arraiá da Capital: pandemia e identidade dos quadrilheiros de Palmas-TO.
/ Elaine Nolêto Jardim. – Palmas, TO, 2022.
100 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins
– Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em
Comunicação e Sociedade, 2022.

Orientador: André Luís Campanha Demarchi

1. Pandemia. 2. Arraiá da Capital. 3. Identidade. 4. Quadrilheiros. I. Título

CDD 302.2

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO

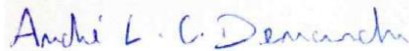
ELAINE NÔLETO JARDIM

"Arraiá da Capital: pandemia e identidade dos quadrilheiros de Palmas - Tocantins".

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre em Comunicação e Sociedade e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora

Data de aprovação: 11/02/2022

Banca Examinadora:



Prof. Dr. André Luís Campanha Demarchi
Universidade Federal do Tocantins (UFT)
Orientador



Prof. Dr. Wolfgang Teske
Universidade Estadual do Tocantins (Unitins)
Primeiro avaliador



Profª Amanda M. P. Leite
Mat. 1766583 / UFT

Profa. Dra. Amanda Pereira Leite
Universidade Federal do Tocantins (UFT)
Segunda avaliadora

*Dedico este trabalho à memória de Verônica
Dantas Meneses, que acreditou e sonhou
comigo.*

*Um povo que não se preocupa em preservar
sua memória perde-se na história e se aniquila
a curto prazo, na sua cultura.
(Pajo)*

AGRADECIMENTOS

Às forças do universo, muito conhecidas como 'Deus'. Aos meus pais que, mesmo em meio a tanta dor, me possibilitaram sonhar. Ao meu irmão Maycon pela companhia incondicional. À Cristina, Ana Luiza, Samir, Miller e ao Thiago por ouvirem os meus choros e caminharem comigo.

À Kamilly, Débora, Felipe, Rogéria, Marcus, Maria Eduarda, Romário, Sebastião, Lidiane, Aurielly e Suzete por compartilharem esse caminho tão árduo e honroso. Ao Lukas, Raiza e Rodrigo por tantas horas percorrendo a cidade juntos, por tantos dias sofridos e vidas compartilhadas.

Aos meus colegas de trabalho na Secretaria Municipal da Saúde (Semus) que me auxiliaram na rotina com a pesquisa.

Ao Iago, Inez, Wherbert, Alessandra e Eduardo pela escuta.

Ao Cláudio Maranhão, Nival Correia e Samara Martins pelo apoio na pesquisa e levantamento de dados. Aos quadrilheiros de Palmas pela abertura e carinho.

Ao Teske por acender a chama da Folkcomunicação. Ao meu orientador, André, por não desistir desse sonho, mesmo com tantas pedras no trajeto até chegar aqui. E claro, à Verônica, por tudo e por este trabalho. A todos que passaram pela minha vida e deixaram amor. Obrigada.

RESUMO

A pandemia do novo coronavírus (Covid-19) impossibilitou que manifestações culturais do mundo inteiro ocorressem com a presença do público, fato que também impactou as quadrilhas juninas do Arraiá da Capital, tradicional festa de Palmas, capital do Tocantins. O evento teve seu formato presencial cancelado por decreto e, por isso, em 2020, a festa foi realizada no formato *on-line*, com redução considerável do número de participantes. Em consequência disso, este trabalho faz uma etnografia sobre os impactos da crise sanitária no evento, as implicações vividas pelos grupos de quadrilheiros e nas formas como tiveram que reinventar a festa. A pesquisa também teve o objetivo de traçar alguns elementos da identidade dos quadrilheiros, enquanto brincantes da manifestação e, também, moradores de Palmas. Ficou evidenciado que mesmo com a pandemia, esses grupos não perderam a vontade de preservar o festejo e que anseiam, após a vacinação, que a festa seja ainda maior que antes, ações que mostraram fortalecer ainda mais a identidade de quadrilheiro.

Palavras-chave: Pandemia. Arraiá da Capital. Identidade. Quadrilheiros.

ABSTRACT

The pandemic of the new coronavirus (Covid-19) made it impossible for cultural events from all over the world to take place with the presence of the public, a fact that also impacted the Quadrilhas Juninas of Arraiá da Capital, a traditional party in Palmas, capital of Tocantins. The event had its in-person format canceled by decree and, therefore, in 2020, the party was held in the online format, with a considerable reduction in the number of participants. As a result, this work makes an ethnography about the impacts of the health crisis on the event, the implications experienced by groups of Quadrilhas Juninas and the ways in which they had to reinvent the party. The research also had the objective of tracing some elements of the identity of the Quadrilhas Juninas, as participants of the demonstration and, also, residents of Palmas. It was evident that even with the pandemic, these groups did not lose the will to preserve the celebration and that they yearn, after vaccination, for the party to be even bigger than before, actions that have shown to further strengthen the identity of the quadrilha members.

Keywords: Pandemic. Arraiá da Capital. Identity. Quadrilha members.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1 - Jurados juninos do 28º Arraiá da Capital	23
Foto 2 - <i>Live</i> Arraiá Solidário	42
Foto 3 - <i>Live</i> do Concurso de Rainhas do Arraiá da Capital.....	43
Foto 4 - <i>Live</i> do Concurso de Casal do Cangaço do Arraiá da Capital.....	44
Foto 5 - <i>Live</i> do concurso de Casal de Reis do Arraiá da Capital.....	45
Foto 6 - <i>Live</i> do concurso de Casal de Noivos do Arraiá da Capital	46
Foto 7 - <i>Live</i> da apuração do Arraiá da Capital	47
Foto 8 - Quadrilheiros da junina Pizada da Butina pedem respeito	52
Foto 9 - Cenário da quadrilha Pizada da Butina	52
Figura 1 - Imagem de Satélite de Palmas com distritos e áreas de proteção ambiental	16
Figura 2 - Raça e cor	71
Figura 3 – Gênero.....	72
Figura 4 - Formação	72
Figura 5 - Em que região de Palmas você mora?	74
Figura 6 - Regiões dos quadrilheiros.....	74

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Grupos de quadrilhas de Palmas até 2019 - acesso e especial	36
Tabela 2 - Colocação das quadrilhas no 27 ^a Arraiá da Capital.....	39
Tabela 3 - Relação de quadrilhas participantes do Arraiá	41
Tabela 4 - Colocação das quadrilhas no 28 ^a Arraiá da Capital.....	47

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Apae	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
CID	Comunicação, Imagem e Diversidade Cultural
CNS	Conselho Nacional de Saúde
Conep	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep)
Covid-19	<i>coronavirus disease</i> 2019 - doença do coronavírus
FCP	Fundação de Cultural de Palmas
Fequajuto	Federação das Quadrilhas Juninas do Tocantins
GMP	Guarda Metropolitana de Palmas
LGBTQIA+	População de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, <i>queers</i> ¹ , intersexo, agêneros, assexuados e demais pessoas com variabilidade de gênero ou de orientação sexual
PPGCOMS/UFT	Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal do Tocantins
PSB	Partido Socialista Brasileiro
Samu	Serviço de Atendimento Móvel de Urgência
Semus	Secretaria da Saúde de Palmas
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

¹ Termo proveniente do inglês que designa pessoas que não seguem o modelo de heterossexualidade ou do binarismo de gênero.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	Trajetória e pesquisa	14
1.2	Contexto	16
1.3	Metodologia	22
1.3	<i>Corpus</i> da Pesquisa	27
1.4	Instrumentos e devolução da pesquisa à comunidade	28
1.5	Capítulos	28
2	FESTAS JUNINAS E O ARRAIÁ DA CAPITAL	30
2.1	Origem das festas juninas - um contexto no Brasil e no mundo	30
2.2	Arraiá da Capital – outrora, tempo de alegria	34
2.3	O Arraiá da Capital afetado pela pandemia da Covid-19	40
2.4	As temáticas das quadrilhas com e sem pandemia	49
3	ENSAIO VISUAL DAS APRESENTAÇÕES DAS QUADRILHAS JUNINAS DO ARRAIÁ DA CAPITAL	56
4	RELATOS DOS QUADRILHEIROS IMPACTADOS PELA PANDEMIA DA COVID-19 – DADOS, ENTREVISTAS E ANÁLISES	67
4.1	Identidade do quadrilheiro	67
4.2	Quem são os quadrilheiros?	70
4.3	O que é ser quadrilheiro?	75
4.4	Palmas enquanto espaço representativo	79
4.5	Tempo de festa e tempo de esperança	80
4.6	Impacto da pandemia, ressignificação e ânsia de dias melhores	82
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
	REFERÊNCIAS	91
	APÊNDICES	96

Apêndice 01 - Roteiro de perguntas para entrevista para os integrantes do movimento junino 96

Apêndice 02 - Relato de campo

97

1 INTRODUÇÃO

*Alavantu pra tu, anarriê pra eu
Tu no teu canto e dançando aqui no meu
Vontade voa e a saudade cria asa
Vai ter São João mas cada qual na sua casa
(Mastruz com Leite - Arraiá Virtuá)*

1.1 Trajetória e pesquisa

Como bem retratado pela canção “Arraiá Virtuá” da banda nordestina Mastruz com Leite, as festas de São João ficaram diferentes no contexto pandêmico. E assim como a canção expõe, este trabalho também teve que ser reinventado. A pesquisa inicialmente abordaria as performances folkcomunicacionais² no Arraiá³ da Capital, a partir da ótica dos participantes das quadrilhas juninas de Palmas. O evento que faz parte do objeto desta pesquisa seria realizado junho de 2020, “ano em que o mundo parou”, devido à descoberta da pandemia do *corona virus disease 2019*⁴, a Covid-19, doença letal que já ceifou a vida de mais 620 mil brasileiros até o momento em que eu⁵ concluía este trabalho. Diante da crise mundial de saúde, todos os países tiveram que adotar medidas sanitárias como o distanciamento social para conter a proliferação do vírus.

A proposta do trabalho, para além da pesquisa teórica sobre festas juninas, Folkcomunicação e cultura popular, era contatar pessoalmente os participantes das quadrilhas juninas da Capital e acompanhá-los nesse processo cultural e histórico de Palmas, por meio da

² As performances folkcomunicacionais estão presentes na “teatralidade, na encenação, nos gestos” (SOUZA *et al* 2017, p. 3). No caso da pesquisa anterior, pesquisa, a performance folkcomunicacional seria a quadrilha, que demonstra “marcas identitárias, traços que se situam entre o significado formal, social e subjetivo”, qualidades que definem uma performance folkcomunicacional. A expressão é utilizada nas pesquisas sobre Folkcomunicação, área que sustenta a ideia de que as comunidades periféricas, urbanas ou rurais, utilizem meios próprios para se expressar para que, por meio de manifestações culturais, possam organizar uma consciência comum, com o objetivo de preservar experiências e encontrar educação, distrações e estímulo (BELTRÃO, 1969, *apud* MARQUES DE MELO, 2008).

³ “Arraiá” é a pronúncia do dialeto sertanejo/nordestino para a palavra “arraial” que significa, de acordo com o dicionário Priberam, “festa popular ao ar livre, geralmente com música, comida e bebida”. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/arraial>>.

⁴ Segundo o Portal Fiocruz, o “nome Covid é a junção de letras que se referem a (*co*)rona (*vi*)rus (*d*)isease, o que na tradução para o português seria “doença do coronavírus”. Já o número 19 está ligado ao ano de 2019, quando os primeiros casos foram publicamente divulgados”. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/pergunta/por-que-doenca-causada-pelo-novo-coronavirus-recebeu-o-nome-de-covid-19>>.

⁵ O texto a seguir, embora tenha contribuição de um orientador, adota propositalmente a primeira pessoa, visando apreender melhor a experiência etnográfica da autora.

observação participante nos ensaios e apresentações, onde eu realizaria fotografias, entrevistas e outros métodos de pesquisa para a tessitura da etnografia.

A proposta inicial era compreender a formação da identidade dos quadrilheiros⁶ enquanto moradores de Palmas. Todavia, todos os planos para o cumprimento deste objetivo mudaram no dia 14 de março de 2020, data em que a Prefeitura de Palmas decretou situação de emergência em saúde pública no município e suspendeu a realização de eventos de qualquer natureza da cidade. Proibida a aglomeração de pessoas, de que forma estes grupos iriam se encontrar para realizar os ensaios e as apresentações? Como pesquisar uma festa popular que estava sendo suspensa para evitar aglomerações e contaminações pelo vírus? Quando qualifiquei e apresentei parte do que já havia escrito deste trabalho, me vi diante dessas questões. Como analisaria a união de corpos, característica do Arraiá da Capital, sem que eles pudessem estar reunidos, cantando, dançando e vibrando juntos? Assim, não era mais possível, mas os quadrilheiros acabaram por se reinventar, criando um Arraiá Virtual.

Após várias propostas da banca, ainda em março de 2020, me convenci que a pesquisa teria que tomar outro rumo: hoje, tão importante quanto querer entender a identidade do quadrilheiro, que também será exposta neste trabalho, é compreender também quais transformações aconteceram nessa festa da cultura popular de Palmas, realizada de modo virtual em contexto de pandemia.

Iniciar esse processo, além de difícil, não só para mim (claro), foi muito doloroso. Além da pandemia ter levado a minha forma de sustento em Palmas, e ter atenuado a depressão e ansiedade que já me agrediam há anos, a minha então orientadora, Verônica Dantas Meneses, a quem devo tudo que cresci na academia, foi acometida por um câncer e teve que se ausentar dos nossos encontros virtuais. Ganhei um coorientador, o professor Wolfgang Teske, a quem também tenho enorme gratidão. Paralisada com o retorno da pesquisa em forma remota, Teske me impulsionou a iniciar os trabalhos.

Comecei e logo conquistei um novo trabalho para a minha sobrevivência. Então, iniciei minha atuação profissional como assessora de comunicação na Secretaria da Saúde de Palmas (Semus) e durante uma pandemia. Paralisei a pesquisa novamente, angustiada com a situação em que a humanidade enfrentava, a falta de contato físico com pessoas, a saudade dos meus pais que fiquei sem ver por meses, dentre tantas outras peculiaridades da vida remota e distante socialmente.

⁶ Os grupos de quadrilheiros são compostos por homens e mulheres, sendo que estas eu poderia chamá-las de quadrilheiras nesta pesquisa. No entanto, por esses grupos, se autointitularem quadrilheiros quando em coletivo, optei por descrevê-lo também dessa forma.

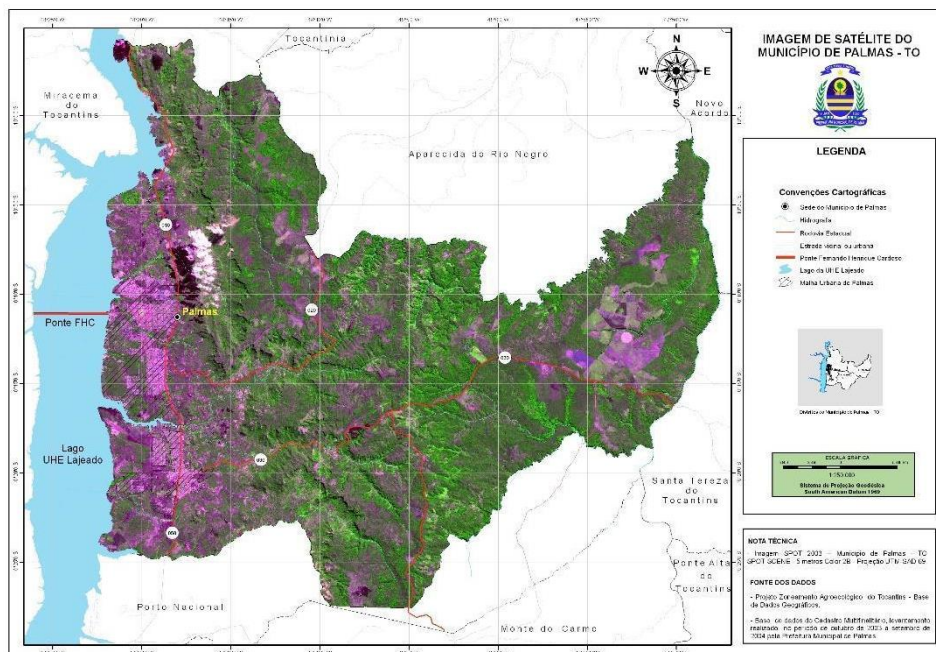
Além de ter que anunciar os boletins diários sobre a situação da pandemia em Palmas, enfrentei o luto de ver pessoas próximas morrerem pela Covid-19. Não satisfeito, o universo me pregou mais uma peça, ceifou a vida de Verônica no mês de maio de 2021, levando uma das minhas maiores referências e exemplo de vida.

Por seguir os exemplos de Verônica há mais de seis anos, resolvi fazer o que ela sempre nos ensinou: continuar. Peguei todo o sofrimento acumulado, o ressignifiquei e transformei em vontade de concluir esse trabalho, que a tem por toda parte, com tudo que aprendi com ela. Com o apoio integral do professor André Demarchi, orientador que abraçou este trabalho com o coração, obtive o privilégio de, após tanto tempo, seguir em frente.

1.2 Contexto

Dito tudo isso e partindo para a parte prática, agora, começo a contextualizar a temática deste estudo. A princípio, contextualizando Palmas, cidade *corpus* da pesquisa. Última capital brasileira planejada do século XX, Palmas foi fundada em 20 de maio de 1989 logo após a separação do norte goiano e a criação do estado do Tocantins, o mais novo do Brasil, pela Assembleia Nacional Constituinte em 1988.

Figura 1- Imagem de Satélite de Palmas com distritos e áreas de proteção ambiental



Fonte: Geo Palmas

Todavia, o município de Palmas, tornado Capital definitivamente em 1º de janeiro de 1990, quando a sede do governo estadual que estava na capital provisória - Miracema do Tocantins - foi transferida para Palmas. A área que abrangia o recém-criado município de Taquarussu do Porto, povoado Canela, povoado de Taquaralto e áreas pertencentes a Porto Nacional foram desmembradas e inseridas na nova cidade. O município de Taquarussu do Porto é extinto, passando a se chamar Palmas e a região se torna um distrito da nova Capital - chamado, agora, de Taquaruçu (ANJOS, 2017).

Criada com a difusão da ideia de uma nova civilização, um novo lugar, a área que abrange o município já era habitada por agricultores e algumas comunidades. Os moradores do povoado Canela⁷ são um exemplo da população pré-existente. A região também tinha uma quantidade considerável de habitantes no entorno, moradores das cidades de Miracema do Tocantins, Porto Nacional e Paraíso do Tocantins, isso sem contar os povos indígenas Xerente, Karajá, Xambioá, Avá-Canoeiro e Krahô que habitavam a região desde os séculos passados.

Desde que a região se tornou cidade e moradores de diversos locais do Brasil passaram a habitar também a mais nova Capital, a população palmense tem tecido sua identidade cultural a partir de alguns pontos. Seja da herança nordestina, ou das próprias pessoas que aqui moravam antes mesmo de Palmas ser uma cidade planejada e Capital do mais novo estado do país, o Tocantins.

Uma das manifestações culturais de grande expressão são as festas juninas, tão difundidas no Brasil. O ponto expressivo destas festas, em Palmas, é o Arraiá da Capital, evento criado em 1993 por moradores das periferias da Capital e absorvido pelo calendário institucional da Prefeitura de Palmas. A gestão municipal tem auxiliado a promover a festa anualmente desde então, com milhares de adeptos que movimentam a economia e o turismo da cidade. Em consequência disso, Trigueiro (2008, p. 2) compreende a existência dos “[...] processos de apropriação e incorporação das manifestações culturais populares pela mídia” ao mesmo tempo em que os “[...] protagonistas das culturas populares se apropriam das novas tecnologias para reinventarem os seus produtos culturais”.

Na pandemia, essa interação não cessou. Ao mesmo tempo em que as mídias procuram por divulgar a manifestação cultural e se apropriar de seus elementos, os grupos quadrilheiros

⁷ O povoado Canela ficava às margens do Rio Tocantins e foi desocupado em 2001 para a instalação da Usina Hidrelétrica de Lajeado. A população do povoado hoje é moradora da quadra 508 Norte (Arne 64) em Palmas, local em que foram realocados na época.

procuram a mídia para ter a festa em destaque nos veículos de comunicação durante aquele período em que ela ocorre.

A apropriação dessas manifestações seja pelo poder público ou pela mídia, com os veículos de comunicação que dão mais significado para os espetáculos e pouca voz aos quadrilheiros, descaracteriza parte da expressão de cultura popular do movimento junino. Dessa forma, é importante destacar que os quadrilheiros também se adequam para atender a nova ordem sem perder a sua essência, pois o movimento junino é formado por outras coisas que não são visíveis na espetacularização das culturas populares, mas que são enraizadas nesses movimentos e são responsáveis pela sua existência, como o sentimento de pertença do quadrilheiro à comunidade (MENESES; SILVA, 2018, p. 4).

Antes da pandemia, a prefeitura de Palmas apresentava o Arraiá como o maior São João da Região Norte, bandeira do ex-prefeito Carlos Amastha (PSB), sendo o discurso do ex-gestor legitimado pela mídia local.⁸ A expressão cultural em foco se apresenta como um local de resistência⁹, utilizado pelos quadrilheiros como forma de terem espaço e serem prestigiados pela sociedade.

Além disso, as festas juninas de Palmas se tonaram tão popularizadas que passaram a trazer, de forma significativa¹⁰, desenvolvimento regional e econômico em setores comerciais e de turismo como a gastronomia local, a alfaiataria, as lojas de tecidos e confecções, bem como geração de emprego em diversas áreas e, portanto, “[...] com o grande desenvolvimento do movimento junino surge a espetacularização das culturas populares [...] gerados pela intervenção de vários setores nesses movimentos” (MENESES; SILVA, 2018, p. 4). Sobre essa dicotomia, ao escrever sobre o São João de Campina Grande (PB), Trigueiro afirma que

É como se existissem duas festas, uma dentro da outra, ou seja, a festa central institucionalizada, de interesse econômico [...], políticos e até religiosos, e a outra periférica, que continua sendo organizada através da mobilização da comunidade, pelas fortes redes sociais de comunicação, com a finalidade alegórica de rompimento com o cotidiano e com o mundo normativo estabelecido (TRIGUEIRO, 2005, p. 5).

⁸ Disponível em: <<http://surgiu.com.br/2018/06/30/terceira-noite-do-sao-joao-das-palmas-com-publico-de-mais-de-10-mil-traz-seguranca-e-diversao-para-toda-familia>>. Acesso em: 01 jul. 2018.

⁹ Temas como violência contra a mulher, a desigualdade social, racismo e homofobia são constantemente tratados dentro das apresentações de quadrilhas. Os grupos têm se empenhado para realizar críticas sociais nesses espaços.

¹⁰ Mesmo com a pandemia, o Arraiá da Capital deste ano movimentou mais de R\$ 1 mi em Palmas, conforme a gestão do município. Disponível em: <<https://www.palmas.to.gov.br/portal/noticias/29o-arraia-da-capital-festa-movimentada-mais-de-r-1-mi-na-economia-local/29506/>>. Acesso em: 21 nov. 2021.

Ou seja, ao mesmo tempo em que a festa é um lugar de socialização dos quadrilheiros e que os fortalecem enquanto grupo cultural, ela também se torna um evento esperado, tanto pelo ente governamental quanto pelo setor privado, situação que se repetiu durante a pandemia.

Segundo a Prefeitura de Palmas (2018, s/d, texto eletrônico), o Arraiá da Capital tem por objetivo integrar famílias “[...] através da valorização das manifestações populares tradicionais”. O principal atrativo da festa são as competições de quadrilhas, uma dança que “[...] se expressa com força e vigor através da integração de grupos de diferentes regiões da cidade, formados por jovens de todas as idades”. Os grupos participantes, compostos por até 40 casais, se profissionalizam, competem entre si e são premiados para continuarem se apresentando. A seleção, julgamento e premiação dos grupos são feitos pela prefeitura, grupos esses que também recebe o patrocínio de terceiros para promover a festividade.

No último evento ocorrido antes da pandemia, em 2019, estimou-se a participação de aproximadamente 20 mil pessoas por noite na 27ª edição do Arraiá da Capital. Participaram mais de 1.700 quadrilheiros, entre dançarinos, figurinistas, assistentes de palco e outros distribuídos em aproximadamente 30 grupos (PREFEITURA DE PALMAS, s/d, texto eletrônico).

Desde o primeiro caso da enfermidade registrado no dia 1º de dezembro de 2019, em Wuhan, na China, o mundo contabiliza mais de 324 milhões de casos, dos quais 5,53 milhões morreram. No Tocantins, o total de casos chegou a mais de 243 mil pessoas, sendo que cerca de 4 mil foram a óbito. Já em Palmas, o número de pessoas que foram contaminadas com o novo coronavírus é de mais de 56 mil, do número, mais de 53 mil estão recuperados e 684 foram a óbito¹¹.

Quando o mundo teve que adotar medidas sanitárias como o distanciamento social para conter a proliferação do vírus, em Palmas a situação não se diferiu. Diversos decretos foram publicados pelo poder público municipal, dentre eles o decreto 1.856 de março de 2020¹² que declara situação de emergência em saúde pública no município e suspende a realização de eventos. Com as unidades de saúde readequadas para receber vítimas da doença, a Capital passou a liberar a realização de eventos remotos.

Em 2020, com a nova realidade de crise sanitária que o mundo perpassa até o momento, o Arraiá da Capital, da maneira em que tradicionalmente ocorria, foi cancelado, sendo que há

¹¹ Os dados são referentes ao dia 15 de janeiro de 2022 e foram obtidos pelo boletim internacional do Google Notícias e os boletins estadual e municipal da doença.

¹² Disponível em <<http://diariooficial.palmas.to.gov.br/media/diario/2450-14-3-2020-20-42-10.pdf#page=1>>.

pelo menos seis meses os grupos de quadrilhas realizavam ensaios de suas coreografias, encenações, confecção dos figurinos e apresentações musicais. Em entrevista, Cláudio Maranhão, presidente do grupo de quadrilha Cafundó do Brejo, o mais antigo da Capital, afirmou que “[...] quando tudo parou foi um baque muito grande. Tínhamos gastado. Mas aí graças a uma parceria entre Fundação Cultural e a articulação da Federação das Quadrilhas deu tudo certo e conseguimos receber e honrar os compromissos”. Em consequência disso, foi necessário que a manifestação cultural se reinventasse.

Após a movimentação dos grupos juninos para que a festa tradicional continuasse, mesmo que de forma *on-line*, a Fundação Cultural de Palmas (FCP), órgão do poder executivo responsável por organizar o Arraiá, publicou o edital 014/2020¹³, que versa sobre a realização do 28º Arraiá da Capital, excepcionalmente realizado de forma remota. O evento estava previsto para acontecer entre os dias 28 de outubro e 1º de novembro de 2020, mas acabou adiado para os dias 25 e 29 de novembro do mesmo ano por conta do período eleitoral. A festa tradicional teve a quantidade de participantes reduzida: participaram apenas os casais destaques como casal de noivos, casal de reis e casal cangaço, como posteriormente exponho neste trabalho.

Antes do Arraiá da Capital, a FCP promoveu a *Live Arraiá Solidário* como preparação para a festa. Na ocasião, o presidente da FCP, Giovanni Assis, afirmou que a *live*

[...] serviu de referência para o 28º Arraiá *on-line*, com a finalidade de garantir a permanência da tradição do Arraiá da Capital e ao mesmo tempo cumprir o compromisso firmado junto às quadrilhas juninas que começam a se organizar para a festa já no final do ano anterior, o que acarreta em custos financeiros e contratos que são realizados em razão do Arraiá. A não realização da festa poderia gerar o endividamento e até mesmo o fim de muitas juninas que já haviam iniciado suas programações antes da pandemia. O 28º Arraiá *on-line* foi adaptado, através de *lives* transmitidas a partir do Espaço Cultural de Palmas José Gomes Sobrinho, e com a disputa apenas de casais representantes das quadrilhas juninas da Capital, permitindo o fomento às ações das junina, bem como a continuidade da maior tradição da cultura popular em Palmas. (Entrevista concedida em março de 2020).

Em 2021, com a vacinação em andamento, a Prefeitura de Palmas divulgou que o Arraiá da Capital ocorreria de forma *on-line* novamente no mês de novembro, entre os dias 10 e 14, no Espaço Cultural e seguindo os mesmos moldes do evento anterior. A lista de quadrilhas que se inscreveram para a competição foram anunciadas no dia 22 de setembro de 2021. As apresentações dos grupos ocorreram no momento de encerramento da tessitura deste trabalho, ainda no mês de novembro.

¹³ Disponível em <https://www.palmas.to.gov.br/media/orgao/documentos/EDITAL_014-2020_-_28%C2%BA_ARRAIA_DA_CAPITAL.pdf>.

Fora do calendário junino, os participantes das quadrilhas juninas são pessoas vistas como ‘comuns’: trabalham, estudam e estão presentes no cotidiano. Muitas moram na periferia, precisam pegar dois ou três ônibus para chegar ao trabalho e passam por dificuldades financeiras. Outrossim, fazem parte do que chamamos de minorias: a maioria composta por pessoas negras, do sexo feminino e LGBTQIA+. E, somente durante o período junino, recebem prestígio cultural. Isto é, ficam em evidência durante os festejos juninos para atender aos interesses da sociedade e da mídia, por meio da premiação em dinheiro para continuar competindo no Arraiá ou pelo reconhecimento da população que os assistem e os aplaudem quando estão dançando, se apresentando, encenando, com o exuberante figurino que foi tecido com muito cuidado meses antes, especialmente para o festejo junino. E depois? Depois do festejo, voltam a ser invisíveis, mas voltam também a preparar novamente a apresentação do próximo ano, constituindo e reafirmando a identidade do quadrilheiro.

Os participantes das quadrilhas têm os grupos de junina como parte viva do cotidiano, que os ajudam a construir nesse espaço social uma relação potente de afeto e pertença, sendo que os sentimentos de pertencimento e identificação diária interferem na construção social da história de um povo, vivências essas que são pujantes na cultura popular. Cabe neste trabalho destacar que o termo povo pode ter inúmeros significados em diversas esferas das ciências sociais. Nesta pesquisa, “povo” refere-se a um conjunto de “[...] cidadãos-atores de uma sociedade na qual todos podem participar”, conceito definido por Leonardo Boff (2015, texto *on-line*).

A cultura popular é inerente à existência e à sobrevivência das camadas populares da população. Ela é vivida de forma espontânea e tem, além disso, caráter motivacional que a faz ser revivida pelos membros de uma comunidade. É caracterizada por ser reelaborada constantemente, nem tudo que advém da cultura popular é herança, pois é um setor que se ressignifica dia após dia, “[...] orienta e revigora comportamentos, faz participar de crenças e valores, perpetua universo simbólico” (BOSI, 2000, p. 64-65).

Esses grupos, além de uma forma de diversão, distração e lazer, podem fazer parte da vida dessas pessoas até mais que a própria família. Por esses motivos, é crucial a compreensão dos efeitos causados pela ausência do Arraiá da Capital de forma presencial.

Diante do que foi exposto, questiono: como os quadrilheiros que participam do Arraiá da Capital foram impactados com a pandemia do novo coronavírus? De que maneira a expressão cultural foi mantida em Palmas? Quais são as perspectivas dos participantes diante desse cenário considerado até apocalíptico? Como a pandemia pode ter funcionado como uma forma de reforçar a identidade do quadrilheiro?

A pandemia, apesar de todas as perdas e dores que trouxe e ainda traz, reforçou a identidade do quadrilheiro que mostra sua força em preservar a manifestação cultural, tendo em vista que falta da quadrilha em condições ideais aciona memórias de festas e eventos passados que funcionam como elementos simbólicos dessa identidade.

Quanto aos objetivos da pesquisa, este trabalho teve como objetivo geral descrever e analisar os impactos trazidos pela pandemia do novo coronavírus para os quadrilheiros e para a constituição de sua identidade. Como objetivos específicos, busquei identificar de que forma a manifestação cultural se manteve e debater o futuro dela, de acordo com a visão dos participantes, entendendo a identidade dos quadrilheiros enquanto participantes do movimento junino.

A discussão do impacto da pandemia no movimento junino, sob a ótica dos quadrilheiros, se torna fundamental, tendo em vista que até o momento em que este trabalho estava sendo finalizado, nenhuma outra pesquisa sobre o assunto, tendo Palmas e o Tocantins como pano de fundo, chegou a ser publicada. Isto é, esta produção torna-se útil para contar a história, por meio do viés junino, de um marco temporal na vida da humanidade, partindo claro, de um saber local.

1.3 Metodologia

Para poder saber como os quadrilheiros que participam do Arraiá da Capital foram impactados com a pandemia do novo coronavírus; de que maneira a expressão cultural foi mantida em Palmas; e quais são as perspectivas dos participantes diante desse cenário crítico de saúde pública, utilizei alguns elementos de métodos da pesquisa qualitativa.

De acordo com Freitas e Prodanov (2013, p. 69-70), esse tipo de pesquisa “[...] considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”. Flick (2009, p. 16) explica que esse tipo de pesquisa “[...] parte da noção da construção social das realidades em estudo, está interessada nas perspectivas dos participantes, em suas práticas do dia a dia e em seu conhecimento cotidiano relativo à questão em estudo”.

Neste sentido, para a realização desta pesquisa de campo utilizei métodos da etnografia, sendo que essa significa “[...] a compreensão do ponto de vista do outro, sua relação com a vida, bem como a sua visão do mundo” (MALINOWSKI, 1976, p. 36). Para compreender “o outro lado”, empreguei a observação participante, registro fotográfico e história oral.

Sobre a observação participante, Peruzzo (2003, p. 2) orienta que o método “[...] consiste na inserção do pesquisador no ambiente natural de ocorrência do fenômeno e de sua interação com a situação investigada”. A autora comenta que o pesquisador passa a acompanhar e viver a situação concreta do objetivo investigado.

Pude experimentar a observação participante no mês de novembro de 2020 durante a realização do Arraiá da Capital, versão *on-line*, evento que fui convidada para ser jurada junina (foto abaixo), em observância aos protocolos sanitários vigentes no município de Palmas. Durante o evento, tive a oportunidade de me inserir no universo da manifestação cultural e mapear os possíveis entrevistados para este trabalho (breve relato de campo no Apêndice II) a convite da FCP. Durante o Arraiá, também foi possível fazer o registro visual para documentar a manifestação.

Foto 1 - Jurados juninos do 28º Arraiá da Capital



Foto: Júnior Suzuki

Em 2019, antes da pandemia, também tive a oportunidade de fotografar os grupos com autorização da FCP e dos presidentes das juninas, por meio do Coletivo 50 Graus e o grupo de pesquisa CID - Comunicação, Imagem e Diversidade Cultural, grupos de pesquisa coordenados na época pelas professoras do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal do Tocantins (PPGCOMS/UFT) Verônica Dantas e Amanda Leite, que

tenho a oportunidade de integrar ainda atualmente¹⁴. As duas experiências possibilitaram um comparativo fotográfico que também é exposto neste trabalho.

Flick (2009) menciona que as fotografias são compostas por alta qualidade icônica. Na pesquisa qualitativa, esse fator pode auxiliar a ativar memórias de pessoas e/ou até estimulá-las a se comunicar sobre situações e processos em contextos entendidos como complexos. A técnica também se mostrou um importante instrumento de observação, transcrição e interpretação de realidades sociais presentes nas festas juninas em foco nesta pesquisa. Segundo Reyna (2006, p. 3), os registros audiovisuais “[...] podem chegar mais próximos da realidade do tempo e do movimento ou as variedades de realidades psicológicas nas relações interpessoais, desde a captação de sutilezas imperceptíveis a olho nu, como as relações sociais”.

A respeito da história oral para a coleta de dados para a pesquisa, a técnica é a “[...] evocação da memória para a transição do vivido por meio das narrativas” (BARROS; SILVA, 2010, p. 71) apontam que. Inerentes à comunicação humana, essas narrativas podem ser infinitas e possuem diversas formas (BAUER; JOVCHELOVITCH, 2002).

Segundo Adami (2008, p. 4)

Diferente de outras metodologias, a história oral, valoriza a pesquisa qualitativa e a subjetividade das respostas é levada em consideração durante todo o processo, o qual muitas vezes defronta o pesquisador com os conceitos da verdade, uma vez que ao colher depoimentos pessoais nos quais a subjetividade e a interpretação dos fatos com os filtros pessoais de cada depoente conduzir a uma multiplicidade de informações e de visões (posições) sobre os fatos pesquisados.

A relevância do método para a pesquisa em questão pode ser notada com a conceituação de Paul Thompson.

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992, p. 17).

Para Meihy (2005), a história oral é um meio para estudar a sociedade para além dos escritos oficiais. O mesmo autor (1996) descreve que a história oral é constituída por três modalidades: a história oral de vida, a história oral temática e a tradição oral. Por este trabalho focar no impacto da pandemia nos quadrilheiros, a pesquisa utilizou a história oral temática.

¹⁴ O acompanhamento da festa resultou no artigo intitulado *Arraiá da Capital: festa e trajetória precursoras das competições de quadrilhas juninas*, disponível em: LEITE, A.; DANTAS MENESES, V. Mídia, imagem e cultura. Vivências da Extensão Universitária. Portal de Livros da Editora, v. 1, n. 67, p. 87, 26 fev. 2021.

A História Oral temática parte de um assunto específico, preestabelecido. A objetividade é mais direta, aproximando-se mais da apresentação de trabalhos analíticos em diferentes áreas do conhecimento acadêmico. Procura buscar a verdade pela narrativa de quem presenciou um acontecimento, ou dele tenha alguma versão. Nesta modalidade, os detalhes da história pessoal do narrador só interessam quando se relacionam, ou revelam, aspectos úteis à informação temática. (ARAÚJO; SANTOS, 2007, p. 173)

Na história oral, foram utilizadas as narrativas orais que foram recolhidas pelas entrevistas estruturadas com os participantes da pesquisa (Apêndice 01 e 02) e por meio de questionário *on-line* do *Google Forms*, que traçou o perfil dos personagens e possibilitou a autorização dos participantes que compõem o banco de dados nesta pesquisa. As entrevistas foram gravadas por meio do WhatsApp durante os meses de janeiro, fevereiro e março de 2021, considerando a impossibilidade de um encontro pessoal por conta das altas taxas de contaminação por coronavírus que o município de Palmas tem atravessado no início de 2021, época estabelecida para a realização dessa conversa com os participantes. Gravadas, transcrevi todas as entrevistas e as narrativas orais passaram por análise, no qual considero as inquietações dos participantes juninos.

Gaskell (2002) explica que com as entrevistas individuais e em profundidade é possível mapear e entender a vida dos participantes da pesquisa. O autor afirma que a entrevista semiestruturada é o ponto inicial para que o pesquisador introduza “[...] esquemas interpretativos para compreender as narrativas dos autores”. Gaskell define que esse método fornece dados básicos para que o pesquisador desenvolva e compreenda as relações entre os atores sociais e a situação que está em foco. O objetivo do procedimento é uma “[...] compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos” (GASKELL, 2002, p. 65).

Segui no método de análise das narrativas orais o que Gibbs (2009) descreve no livro *Análise de Dados Qualitativos*, no capítulo 5: *Análise de Bibliografias e Narrativas*. Gibbs (2009, p. 87-89) orienta em dez tópicos atividades práticas para a análise de narrativas. Para dar início ao processo, o primeiro passo, segundo o autor, é recomendável ler e reler as transcrições e procurar por eventos (o que aconteceu), experiências (destacar sentimentos, reações e sentidos). Também buscar por relatos que demonstrem explicações, desculpas. E claro, pela parte crucial, que são as narrativas. Sobre elas, o autor explica que é adequado verificar a “[...] forma linguística e retórica de contar eventos, incluindo como narrador e o público (pesquisador) interagem, a sequência temporal, os personagens, intrigas e imagens”.

No segundo tópico, Gibbs (2009) direciona o pesquisador a preparar um breve resumo para identificar início, meio e fim da história. Quanto ao terceiro tópico, o autor destaca que o pesquisador pode usar a margem direita da transcrição para anotar questões encontradas. Transições entre o tema podem ser anotadas também.

Já no quarto tópico, memorandos sobre ideias que surgiram e mostram como as pessoas podem se relacionar também podem ser feitos. Nessa etapa, o pesquisador pode observar se os temas levantados ao longo da entrevista se contradizem em “[...] termos de conteúdo, humor ou avaliação por parte do narrador” (GIBBS, 2009, p. 87). Os silêncios também podem ser observados.

Sobre os tópicos cinco, seis, sete e oito, o autor exemplifica quais os próximos passos a serem seguidos:

5. Marque (com ou sem caneta) qualquer mini-história ou subtrama que possa estar incluída. Use setas para indicar as relações entre os elementos.
6. Destaque ou circule linguagem emotiva, imagens mentais, uso de metáforas e proposições sobre os sentimentos do narrador.
7. Codifique ideias temáticas e desenvolva uma estrutura de codificação. Pode ser suficiente usar conceitos bastante óbvios e amplos, como "infância", "formação profissional" "início de carreira" [...]
8. Em um momento posterior de sua análise, comece a conectar as ideias desenvolvidas em relação à narrativa com literatura teórica mais ampla (GIBBS, 2009, p. 87)

Por último, no tópico nove, Gibbs (2009, p. 88) instrui a fazer comparações caso a caso. Ele explica que essa ação pode ser reveladora. Nesse aspecto, ele propõe o pesquisador a comparar as “[...] visões dos diferentes participantes sobre determinado evento em que estiveram todos envolvidos ou comparar como as pessoas vivenciaram transições semelhantes em suas vidas”, conclui.

No caso deste trabalho, primeiramente separei todas as narrativas de acordo com as perguntas que propus durante as entrevistas, de forma que respondessem aos objetivos propostos. Com isso, outra narrativa foi sendo escrita, de forma que dialogasse, de forma subjetiva, com as minhas impressões pessoais e autores lidos ao longo da trajetória de pesquisa.

1.3 *Corpus da Pesquisa*

O *corpus* da pesquisa é formado pelas narrativas dos agentes populares, que foram levantadas por meio da observação participante, ocorrida em novembro de 2020 durante o Arraiá da Capital *on-line*, na oportunidade em que pude ser jurada junina; por meio das entrevistas realizadas de janeiro a março de 2021 e também pelas fotografias produzidas nos dois arraiás antes e durante a pandemia.

De acordo com Meneses (2015), os agentes atualmente não precisam ser os clássicos líderes de opinião reconhecidos da comunidade, muitas vezes ocorre a ordem oposta, pois muitos se tornam figuras proeminentes por ocasião da interpretação de sua personagem na festa ou ritual.

Assim, optei por entrevistar dez personagens juninos variados que foram diretamente afetados pela pandemia da Covid-19, considerando o equilíbrio do número entre homens e mulheres, bem como a diversidade de locais onde as juninas se fazem presentes na Capital. Portanto, entrevistei por meio de questionário composto por perguntas estruturadas e objetivas: rei, rainha, noivo, noiva, marcador, presidenta, presidente, costureira e coreógrafo, sendo que alguns integrantes possuem acúmulo de funções nos grupos juninos, tais como direção, coreografia, criação e marketing.

Foram realizados questionários com perguntas estruturadas e subjetivas. Também foi entrevistada uma décima pessoa, que é responsável pela produção das festas e ainda auxilia os quadrilheiros no acesso à política cultural no meio junino da Capital. Este, por sua vez, foi questionado por entrevista aberta. Todos os participantes tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) por meio do *Google Forms*, onde optaram por participar da pesquisa.

Com exceção dos representantes do poder público, este trabalho não divulgará o nome das pessoas entrevistadas. A decisão está em conformidade com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep) e em consonância ao disposto na Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) nº 510 de 2016, artigo 9 inciso V, para os participantes de pesquisas que utilizem metodologias próprias das Ciências Humanas e Sociais, em relação a procedimentos que envolvam o contato com participantes e/ou coleta de dados em qualquer etapa da pesquisa, em ambiente virtual.

1.4 Instrumentos e devolução da pesquisa à comunidade

Utilizei de diários de campo, roteiros para guiar as entrevistas e a observação, formulário *on-line* do *Google Forms*, câmera fotográfica para registrar visualmente os eventos da manifestação cultural e também um celular para receber as mensagens de áudio dos quadrilheiros, via WhatsApp e realizar ligações telefônicas.

Com o registro visual, está em andamento a produção de um fotolivro *on-line* sobre o Arraiá da Capital, com a transição de apresentações antes e depois da pandemia do coronavírus (Covid-19), o mesmo será disponibilizado para os grupos juninos com a aprovação desta pesquisa para a banca. A dissertação também será disponibilizada por meio *on-line* em repositório da UFT.

1.5 Capítulos

Este trabalho está organizado em cinco capítulos que se correlacionam e se completam. Na Introdução, o Capítulo 1, é apresentada a trajetória da pesquisa, entre acontecimentos que modificaram os rumos da pesquisa, como a pandemia do novo coronavírus, até chegar a esses resultados aqui expostos. É apresentada também a temática por meio da contextualização histórica sobre o Arraiá da Capital, a partir de Palmas, *lócus* da pesquisa. Ainda neste capítulo são abordadas as metodologias que auxiliaram a elaboração da pesquisa, bem como o corpus, instrumentos utilizados para a coleta de dados e como buscarei devolver a pesquisa à comunidade.

No Capítulo 2, abordo as festas juninas e o Arraiá da Capital, desde a origem das festas e sua chegada ao Brasil, até o desenvolvimento do festejo em Palmas. Essa parte do trabalho também descrevo como o Arraiá ocorria antes da pandemia, as temáticas das apresentações de quadrilhas ainda nesta época e traço um paralelo entre as temáticas das apresentações antes e durante a pandemia.

No Capítulo 3 é exposto o ensaio visual das apresentações das quadrilhas juninas do Arraiá da Capital antes e depois da pandemia, fazendo um paralelo imagético entre esses dois tempos.

No Capítulo 4 é debatida a identidade do quadrilheiro, são expostos os relatos dos quadrilheiros impactados pela pandemia. Nessa parte descrevo como ocorreu a festa mesmo com a adversidade de saúde e a partir de uma análise subjetiva trato dos seguintes temas: a identidade do quadrilheiro. quem são os quadrilheiros; o que significa ser quadrilheiro; Palmas

enquanto espaço representativo para esses brincantes¹⁵; o impacto sofrido pelos grupos por conta da pandemia; e como ocorre a espera de novos tempos para a festa após a crise sanitária.

Nas Considerações Finais, apresento uma síntese do que foi desenvolvido na pesquisa, onde relaciono os objetivos com os resultados alcançados e proponho novos rumos para este trabalho.

¹⁵ Outro termo utilizado para definir os integrantes das quadrilhas juninas, principalmente quem participa da dança.

2 FESTAS JUNINAS E O ARRAIÁ DA CAPITAL

*Quando a gente tem amor,
 não sabe onde ele está
 É uma saudade imensa, a gente se aguenta e
 não quer chorar
 Tem dó pequenininha, tem dó pequenininha,
 tem dó
 Eu não quero chorar
 (Pequininha – Rastapé)*

2.1 Origem das festas juninas - um contexto no Brasil e no mundo

Antes de começar a falar sobre as festas juninas, é necessário trazer preliminarmente o conceito de festa. A realização da festa, na contemporaneidade, vai muito além de sua histórica realização de cunho religioso. O contexto do mundo, regido pela tendência mercadológica e institucional, transforma a festa em uma espécie de produto (LUCENA FILHO, 2012).

Simbolicamente, a festa é uma comunhão entre indivíduos, muitas vezes em caráter comemorativo que pode ter qualquer razão como origem. Regozijam-se as pessoas que participam da festa; dançam, conversam em voz alta, exercitam sua criatividade e comungam suas alegrias. A festa é histórica, cuja realização pode acontecer em qualquer local e data.

É possível compreender a festa como um meio de inserção social, comunhão de ideias e exercício de convívio entre indivíduos, e ocorre em qualquer tempo ou espaço. Historicamente, festa, também, é uma maneira de culturas diferentes se comunicarem. Essa comunicação perpetua-se até os dias de hoje, sendo datada por autores diversos desde o período de colonização do Brasil.

Lucena Filho (2012) entende que as festas são a expressão cultural de um povo dentro de um recorte social, e representam em sua essência os valores daqueles indivíduos, com o intuito de se alegrar e propiciar sentido à vida em comunidade. Dentro das festas a comunidade se alimenta das melhores coisas da comunhão e do convívio, como a alegria, o reencontro de parentes e amigos e a partilha de sonhos.

A festa é também um espaço para celebrar a vida em comunidade e as trocas vividas com indivíduos e com o mundo, sendo espaço para a expressão cultural e artística, mas também um evento com fins políticos e sociais, atividades estas que são vividas por meio de atividades como dança, música, brincadeiras e a partilha de crenças (LUCENA FILHO, 2012). Essas

trocas simbólicas que ocorrem durante as festas proporcionam o fortalecimento e a formação de uma identidade coletiva, considerando que as festas enquanto fenômenos tem a ver com processos de identificação (TEIXEIRA, 2010).

As festas juninas ou festas dos santos populares¹⁶ surgem no mundo com o sincretismo de tradições pagãs e cristãs. A tradição pagã de cultuar o sol, colheitas e a fertilidade são símbolos vivos dos egípcios, que cultuavam a deusa Juno, talvez por isso as festas sejam chamadas de juninas. Tempos depois os romanos incorporaram o ritual pagão à sua cultura que se espalhou pelo povo europeu, principalmente em países como Espanha e Portugal (LUCENA FILHO, 2012).

A festa é incorporada ao calendário cristão quando, no século IV, o cristianismo se torna a religião oficial do ocidente e a Igreja Católica institui o dia 24 de junho como data que celebra o nascimento de São João Batista, primo de Jesus Cristo que o batizou. Porém, com fogueiras, a Europa já realizava celebrações para a chegada do sol e do calor (LUCENA FILHO, 2012; MORIGI, 2001).

No século seguinte, o desenvolvimento das festas juninas na Europa se liga intimamente aos solstícios¹⁷ do verão do continente, que fica no hemisfério norte. Segundo Lucena Filho (2012, p. 37), na região onde a França se localiza, a chegada do sol era celebrada entre os dias 22 e 23 de junho, “[...] véspera do início das colheitas, enquanto no hemisfério sul, no mesmo período, ocorre o solstício de inverno (noite mais longa do ano)”. O mesmo autor (id.ibid) define que “[...] as festas juninas eram profanas, rituais pagãos que celebravam a abundância e a fertilidade”.

Para Lucena (2012, p. 38), a data não é uma coincidência, pois o período é marcado pelo início da colheita de cereais no Velho Mundo. Ele explica que a relação da humanidade com a terra era muito forte, “[...] para além dos ritos de fertilidade do plantio por também estarem associados à fertilidade humana, como plantar e colher”. Essas práticas foram incorporadas a vários sistemas religiosos atuais, inclusive às igrejas protestantes. As festas se reinventaram e na atualidade estão presentes em diversos contextos sociais, claro que ainda seguindo as raízes da manifestação.

As festas juninas chegam ao Brasil por meio da colonização portuguesa e até hoje a festa guarda elementos que remetem ao modelo colonizador, “[...] como o uso de os instrumentos musicais mais usados nas festas nordestinas entre eles a sanfona, o triângulo e o

¹⁶ Pois celebra Santo Antônio, São João e São Pedro.

¹⁷ Quando o sol alcança seu ponto mais alto no céu.

cavaquinho” (RIBEIRO, 2013, p. 34). No Brasil, a festa se incorpora a elementos indígenas, africanos e de outras culturas que aqui se estabeleceram.

Tendo o Nordeste como berço brasileiro dessa tradição, a manifestação cultural se adequa à situação do local: das sociedades sertanejas ou agrícolas que têm o milho como seu principal cereal da colheita. A festa é celebrada “[...] com muita alegria, dança e comidas típicas, os festejos juninos no Brasil celebram a colheita, a fertilidade, a religiosidade, o casamento, o mundo rural e as camadas populares” (RIBEIRO, 2013, p. 33).

Sobre a manifestação no Brasil, Ribeiro (2013, p. 33) define que

Carente de chuva, os nordestinos agradecem a São João Batista e São Pedro pelas bênçãos divinas, que é antecipada no dia 19 de março, dia de São José, época é comemorada a colheita do milho e as comidas feitas dele, como a pamonha, a canjica e o curau, que enredam mais uma deliciosa tradição, em que os alimentos são oferecidos com fartura junto com outros pratos como o arroz-doce, a cocada, o pé-de-moleque e o quentão.

Hoje as festas possuem marcas seculares, religiosas e comerciais a partir da introdução da produção capitalista ligada ao desenvolvimento urbano que trouxe o êxodo rural. A festa também é comunicacional e gera sentidos que “[...] permeiam o imaginário social e as culturas das populações em espaços urbanos e rurais” (LUCENA FILHO, 2012, p. 42).

E por falar em sentidos, a quadrilha¹⁸ é uma dança que representa o ponto alto das festas juninas. Chamada *quadrille*, a dança era de salão e surgiu na França para quatro pares. Ribeiro (2013) defende que até hoje é possível notar a influência francesa na dança. Um exemplo marcante, segundo a autora, são alguns passos da quadrilha que possuem herança da língua francesa como *anarriê*, *alavantùe* e *balancê*¹⁹. A quadrilha saiu do berço das elites na Europa e, ao chegar no Brasil, alcançou as camadas populares e se pintou de povo, chegando ao mundo rural. A dança sofre diversas mudanças e reinvenções no solo tupiniquim. Conforme Ribeiro (2013, p. 38)

outras mudanças são na música, ritmo e número de casais. Este novo conjunto é adotado como uma dança própria dos festejos juninos, principalmente nos estados do nordeste brasileiro. [...] Cada estado também imprime a sua dança, a cultura de seu povo, mas a cultura nordestina se solidificou como a cultura característica da festa junina. Danças indígenas, afro-brasileiras e tantos outros estilos criam um novo e rico folclore. A dança é uma marca forte das festas de São João e não se pode fazer um bom festejo sem que haja muita música e dança. O cativante forró, no estilo "pé de

¹⁸ Ou quadrilhas juninas ou apenas juninas como são denominadas no Tocantins.

¹⁹ Segundo o Dicionário Informal: Alavantùe (*en avant, tout*) quer dizer: todos vão pra frente; anarriê (*an arrière*) quer dizer: para trás; balancê: é o mesmo que balançar.

serra", toma forma ao som da sanfona, triângulo e zabumba e no “rastapé” dos chinelos no salão.

No Brasil, a dança francesa ganha uma roupagem mais alegre, podendo ser comparada com uma brincadeira. As mudanças ocorridas até hoje, um exemplo claro é a mudança no vestuário que antes celebrava a vida no campo, com os vestidos de chita e as camisas xadrez. No lugar dessas tradicionais vestimentas, entram os babados, paetês, brilhos e lantejoulas, peças tão presentes nas quadrilhas consideradas estilizadas²⁰ (RIBEIRO, 2013).

Os participantes das quadrilhas em suas apresentações contam histórias enquanto realizam as performances²¹ a partir dos personagens que permeiam o meio junino. Quem dança quadrilha é chamado de brincante ou quadrilheiro. De acordo com o projeto de lei N.º 2.207-B, DE 2007 (p. 6), de autoria da ex-deputada federal pelo Tocantins e ex-prefeita de Palmas Nilmar Ruiz, que institui o dia do quadrilheiro, como sendo o dia 27 de junho, caracteriza o personagem como:

[...] a pessoa que dá forma e vida a todo esse processo de construção dessa majestosa festa que é a quadrilha junina. Um profissional que se dedica o ano inteiro para ver, nos meses de junho e julho, o fruto do seu trabalho incansável, a valorização da cultura popular brasileira.

É no Nordeste que as quadrilhas tomam forma e conquistam espaço por meio de sua performance folclórica, teatral, humorística e satírica (RIBEIRO, 2013). A dança reconta a história de personagens presentes na cultura popular. Sobre esse cenário, cabe acrescentar que

[...] as situações criadas para compor o cenário das quadrilhas permeiam as lutas diárias da vida sertaneja com a falta de chuva e as relações sociais. Há várias personagens que dão vida à dança: como Santo Antônio, conhecido por ser um santo ‘casamenteiro’ – isto porque o casamento é um momento relevante durante a quadrilha e o casal de noivos, no qual a noiva é, geralmente, filha de um homem velho e mal-humorado (coronel, capitão, sargento etc.). O noivo, por sua vez, é um jovem bonito e sagaz que sempre encontra motivos para fugir do matrimônio. Também há o casal

²⁰ Esse tipo de quadrilha conta com passos coreografados e figurino cheio de brilho e *glamour*.

²¹ Para Sibília, o termo **performance** está longe de ter um significado simplista, pois sua contextualização é escorregadia e ambígua, tendo em vista que foi criada para “para abranger todas aquelas manifestações híbridas que então surgiram e não conseguiam ser acolhidas dentro das margens dos cânones estabelecidos” (SIBILIA, 2015, p. 354). Para Borges (2019), ao citar Turner (1920-1983), conceitua que as performances “produzem situações que estão fora (ou entre) posições sociais determinadas, o que destaca sua potencialidade transformadora, seu poder de gerar tensões e reformulações em ordens estabelecidas”. Ela sustenta que “todas as modalidades de performance são entendidas como parte da realidade, revelando ainda o seu inacabamento, seu aspecto processual”. No entanto, Sibília (id. ibid) descreve que na performance “podem se conjugar dança e teatro, poesia e música, artes visuais e auditivas, *happenings* e experimentações com as novas tecnologias digitais, com a fotografia ou com o vídeo”. Sobre a definição, Sibília (id. ibid) acrescenta ainda que pode se afirmar que performance “no sentido artístico, é um ato qualquer – ou, pelo menos, uma enorme variedade de atos possíveis – mas que, para poder ser categorizado como tal, deve ser efetuado por um ou vários artistas performáticos”.

real que deve se destacar como um casal original nos passos e vestuário, além do quesito simpatia. Outro personagem é o padre, responsável por unir, abençoar os noivos e fazer a mediação de conflitos na comunidade com bastante humor. E ainda tem o marcador, encarregado por fazer os casais se movimentarem. Ele é o animador da festa, é o “regente” da dança (ANJOS; JARDIM; TAMIOSO, 2017, p. 6).

Nas quadrilhas também não podem faltar a figura do Lampião e da Maria Bonita²², casal icônico que representa a história do povo nordestino. O casal de reis também merece destaque e junto com o marcador e casal de noivos, possuem uma categoria de premiação própria em competições. A rainha, por exemplo, pode ser a rainha do Arraiá, ou a muito conhecida rainha do milho (RIBEIRO, 2013). Os cenários das quadrilhas podem ser muitos, mas predomina a questão climática, tendo a seca ou chuva como elementos preponderantes.

2.2 Arraiá da Capital – outrora, tempo de alegria

Valorizar as manifestações populares e tradicionais. Esse é o objetivo do Arraiá da Capital²³ que acompanha a história de Palmas desde o seu início. Nascida nas comunidades em 1993, a festa junina ganhou força com o passar dos anos e com a vontade dos quadrilheiros em luta pelo incentivo governamental e comercial.

Conhecido como o maior São João da região Norte, gratuito, o Arraiá da Capital teve a última edição (a 27ª) com grande público de 19 a 24 de junho de 2019 no Estádio Nilton Santos, sendo transmitido ao vivo no Facebook e no YouTube. O Portal de Notícias G1 Tocantins também realizou a transmissão ao vivo do evento. A Guarda Metropolitana de Palmas (GMP) contabilizou 40 mil participantes nos cinco dias da manifestação. Nival Correia, coordenador do concurso de quadrilhas do Arraiá da Capital, afirmou em entrevista em 2019 que

[...] o empoderamento das pessoas que vivem nas áreas marginalizadas de Palmas, porque essas pessoas têm empregos simples, como em supermercados, e serviços mais gerais. Porém, quando ela está dentro da quadrilha ela pode ser uma rainha, um reconhecimento que ela não tem no próprio serviço. Um cara pode ser um carteiro de profissão, mas ser um rei da quadrilha junina. Aquilo é muito importante para eles, tanto que depois que veste o figurino é difícil tirar de tão grande a energia. É o empoderamento de vidas que não costumam ter na sociedade. Então, representa isso, a beleza, o apogeu (CORREIA, 2020).

²² Segundo Ribeiro (2013), essas figuras são “representadas como hierarquicamente superiores ao Estado e aos Coronéis (Elite Social). Em geral colocado de forma positiva e do lado do povo, este casal muitas vezes se utiliza do respeito e temor que causam para interceder a favor dos noivos, assim como resolver conflitos que prejudicam o sertanejo humilde”.

²³ Disponível em: https://www.palmas.to.gov.br/media/doc/29_3_2019_0_30_28.pdf. Acesso em: 29 nov. 2019.

Naquele ano, pude participar da festa não só como espectadora, pois O Coletivo 50 graus e o grupo de pesquisa CID - Comunicação, Imagem e Diversidade Cultural, coordenados na época pela professora Amanda Maurício Pereira Leite e a saudosa Verônica Dantas Meneses, oportunizou em 2019 a pesquisa “Prática fotográfica e audiovisual do Arraiá da Capital”. Fiquei com a parte de produção fotográfica e audiovisual dos bastidores das juninas. Sobre esse acompanhamento, há um artigo publicado no livro *Mídia, imagem e cultura - Vivências de extensão universitária*, organizado pelas duas professoras.²⁴

O último Arraiá presencial teve apresentações musicais de artistas nacionais e regionais, a venda de comidas típicas, o coreto do forró e parque de diversões. A estrutura contou com uma cidade cenográfica que remete à roça, decoração rica da cultura junina, o museu do Arraiá e a brinquedoteca. Houve um edital próprio para selecionar músicos regionais e pessoas para venderem seus alimentos nas barraquinhas. Além disso, contou também com estrutura de policiamento com a presença da Polícia Civil, Polícia Militar, agentes da GMP e o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu).

A festa, desde a sua origem, ainda nos primeiros anos de Palmas, tem o concurso de quadrilhas como principal atrativo do evento. De grande expressividade, grupos de jovens de diferentes faixas etárias, classes sociais e regiões da cidade integram-se para mostrar com vigor a tradicional manifestação da cultura palmense. Segundo Ribeiro (2013), os grupos de quadrilhas da Capital são compostos por jovens de regiões consideradas periféricas.

Para se preparar para essas festas, em outubro ou setembro daquele mesmo ano começam a escolher as temáticas das quadrilhas. Correia descreve que

[...] não é só chegar na quadrilha e dançar. A quadrilha tem que se preparar tematizando, escolhendo um tema. Essa escolha pode ser variada e a equipe tem que se preparar em torno disso. As quadrilhas começam a se preparar entre agosto e setembro desenvolvendo, escrevendo o seu tema. Escreveu o tema? Até outubro mais ou menos é fazer a pesquisa, escolhendo o figurino, as músicas que irão compor as coreografias. Ir atrás de coreógrafos, gravar a simulação da coreografia para depois passar para o restante dos integrantes. Na pesquisa ainda tem de investigar como serão feitos os teatros, o texto que o marcador vai falar para ajudar a contar a história. Cores, roupas, tipo de tecido, o cenário. Tudo isso faz parte da pesquisa (Entrevista concedida em junho de 2020).

Os grupos (Tabela 1) começam a ensaiar, escolher temas, figurino e repertório musical ao menos seis meses antes da competição. Correia destaca que em janeiro do ano seguinte, os grupos já começam a comprar os tecidos e demais adornos para confeccionar os figurinos das

²⁴ Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/2555>.

apresentações e produzem as músicas. Em maio já começam a se apresentar no circuito municipal, para aprimorar a performance para o Arraiá da Capital.

Tabela 1 - Grupos de quadrilhas de Palmas até 2019 - acesso e especial²⁵

Grupo	Localização na cidade
Arrasta Pé do Liberdade	Região Norte
Cafundó do Brejo	Taquaralto
Caipiras do Borocoxó	Taquaralto
Caipiras do Sertão	Taquaralto
Coração Caipira	Taquaralto
Coronéis da Sucupira	Aureny III
Encanto Luar	Taquaralto
Estrela do Sertão	Aureny III
Explosão Amor Caipira	Plano Diretor Norte
Fogo na Cumbuca	Taquaralto
Girassol do Cerrado	Taquaralto
Já Vim Já Vou	Aureny III
Luar de Santo Antônio	Taquaralto
Mastigado da Jumenta	Taquaralto
Matutos da Noite	Aureny III
Nação Junina	Taquaralto
Paixão Junina	Taquaralto
Pizada da Butina	Taquaralto
Pula Fogueira	Plano Diretor Norte
São João das Palmas	Plano Diretor Sul
Tanakara	Taquaralto
Fulô de Mandacaru	Taquaralto

Fonte: Fundação Cultural de Palmas.

Patrocinado e premiado atualmente pela FCP, os grupos de quadrilha se dividiam em três categorias: grupo especial, grupo de acesso e grupo comunidade. O grupo especial concentra as quadrilhas mais bem pontuadas em diversos quesitos como animação, figurino e harmonia. A categoria é formada por grupos de quadrilhas do grupo especial que ficaram da 1^a a 8^a colocação na competição do ano anterior e do grupo de acesso que ficaram com a 1^a e segunda colocação.

Conforme a seleção²⁶ das quadrilhas de 2019, os dois últimos colocados do Grupo Especial seriam rebaixados para o Grupo de Acesso no ano seguinte. Já os dois primeiros

²⁵ No Capítulo 04 descrevo um pouco sobre o significado da divisão dos grupos de quadrilhas por região na cidade de Palmas.

²⁶ Segundo a Fequajuto, quando o Arraiá da Capital foi lançado nos meios de comunicação e depois para a comunidade em 1993. Na época, as quadrilhas que já existiam em Palmas poderiam se inscrever para participar

colocados do grupo de acesso subiriam para o grupo especial. O edital explica que caso o Grupo Especial não completasse dez grupos inscritos, os três primeiros colocados do grupo de acesso subiriam para o grupo especial. A seleção para as apresentações de 2019 define que os dois últimos classificados do grupo de acesso seriam rebaixados para o grupo comunidade, se houvesse inscrição destes na seleção do próximo ano. A seleção ainda prevê que os três primeiros colocados do grupo comunidade que optassem por competir, poderiam subir para o grupo de acesso do arraiá seguinte. Cabe destacar que o arraiá de 2020 não ocorreu nos moldes tradicionais devido ao momento sanitário, discussão do próximo tópico.

Segundo a FCP, o grupo de acesso é formado por quadrilhas do grupo especial que ficaram da 3^a a 8^a colocação na competição do ano anterior e quadrilhas que ficaram na 9^a e 10^a colocação também do ano interior. Já o grupo comunidade é formado por todas as demais quadrilhas que não se encaixam nos outros grupos e queiram apenas iniciar sua participação competitiva na festa e/ou desejem apenas se apresentarem como expressão da cultura palmense.

A FCP, além de selecionar as quadrilhas para se apresentarem no festejo junino, premia (com troféu e dinheiro), patrocina e organiza o julgamento da competição. Em premiação e patrocínio, a fundação pagou em 2019 um valor de R\$ 186.700,00 aos grupos de quadrilhas juninas. Segundo o edital, são oferecidos R\$ 49.900,00 para quadrilhas do grupo especial e R\$ 31.800,00 para o grupo de acesso.

Com o dinheiro, os grupos devem comprar figurinos novos e elaborar alegorias²⁷. Caso descumpram com alguma proposição do edital, o dinheiro não é repassado em sua integralidade. Posteriormente, os grupos devem prestar contas do recurso utilizado. Com o recebimento desse patrocínio, conforme preza o edital, as quadrilhas devem realizar pelo menos uma apresentação gratuita em ações da FCP. A quadrilha junina que descumprir o que foi proposto, pode ficar sem apresentar no Arraiá da Capital pelos próximos dois anos.

da festa. A seleção da época aceitava grupos de comunidades, igrejas e escolas e não tinha a divisão atual entre grupos de acesso e especial. De 1993 até hoje, diversos grupos de quadrilhas se inscreveram, sendo a Cafundó do Brejo permanece como grupo até os dias atuais, outras acabaram por encerrar suas atividades no meio do caminho e novos grupos surgiram. A partir de 2004, houve a separação das quadrilhas entre grupos de acesso, especial e comunidade.

²⁷ A Fequajuto informou que essa ajuda de custo começou a ser realizada pela Prefeitura de Palmas em 2001, na época em que Nilmar Ruiz era prefeita da cidade. Os grupos de quadrilha procuraram a então gestora para dizer que buscavam realizar um evento mais organizado, voltado também para o turismo. Na época, então, a gestão municipal organizou o Palmas Parque, que era 60 dias de programação para a cidade, começada pelas festas juninas em junho e finalizada com a temporada de praias em agosto, com apresentações de diversos artistas. Na época, com o dinheiro, as quadrilhas puderam melhorar os espetáculos. A Fequajuto lembra que naquele ano R\$ 1.200,00 foram pagos para 12 grupos de quadrilhas que participaram do Arraiá da Capital.

Em edições passadas, os dois primeiros colocados do grupo especial puderam fazer viagens nacionais e internacionais, tais como feiras do Instituto Brasileiro de Turismo realizadas no mundo todo. Os grupos de quadrilha Cafundó do Brejo e Caipiras do Borocoxó já estiveram no *Goal To Brazil – Encontros Brasileiros*, para divulgar a cultura brasileira na Colômbia em 2013 e na Argentina em 2014, respectivamente.

Grupos bem colocados também se apresentam no Aeroporto Brigadeiro Lysias para mostrar parte da cultura palmense aos turistas que chegam na cidade. Quadrilhas bem colocadas também se apresentam no Palmas Shopping na Capital, com a performance de casais de noivos, reis e rainha.

As quadrilhas são formadas por animadores/marcadores, damas e cavalheiros, reis e rainhas, noivos e noivas, atores e figurantes; e também a equipe de apoio que é composta por auxiliares de cenário e iluminação, contrarregas, diretores da quadrilha junina, fotógrafos e cinegrafistas.

Tradicionalmente, para julgar as apresentações de quadrilhas, um júri é selecionado e treinado pela FCP para participar do evento. Todos os anos, até então, a competição premiava a melhor quadrilha junina dos três grupos (somente a melhor do grupo comunidade não recebe dinheiro e apenas troféu). São premiados somente do grupo especial e de acesso, as rainhas do arraiaí, animador/marcador de noivos, casal de reis. Além dessas categorias, 2019 trouxe uma novidade de julgamento: o público. A sociedade poderia escolher a melhor quadrilha junina conforme sua opinião por meio de um aplicativo²⁸ criado pela FCP.

O edital de seleção das quadrilhas daquele ano exigia que os integrantes dos grupos fossem de 90% de brincantes domiciliados em Palmas. Era obrigatório que todos os componentes como animador/marcador, rainha, noiva e noivo, casal de reis fossem domiciliados na Capital.

Sobre a premiação, o edital de seleção premiou da seguinte forma:

Grupo Especial: 1º lugar – Troféu + R\$ 30.000,00; 2º lugar – Troféu + R\$ 15.000,00; 3º lugar – Troféu + R\$ 7.500,00; 4º lugar – Troféu + R\$ 3.500,00; 5º lugar – Troféu + R\$ 2.500,00. **Grupo de Acesso:** 1º lugar – Troféu + R\$ 10.000,00; 2º lugar – Troféu + R\$ 7.500,00; 3º lugar – Troféu + R\$ 5.000,00. 4º lugar – Troféu + R\$ 2.500,00; 5º lugar – Troféu + R\$ 1.500,00; **Grupo Comunidade:** 1º lugar – Troféu. **Rainha do Arraiaí da Capital:** 1º lugar – Faixa de Rainha + Troféu + R\$ 5.000,00. 2º Lugar – Faixa de 2ª Rainha. 3ª Lugar – Faixa de 3ª Rainha. **Melhor Animador/marcador:** 1º lugar – Troféu + R\$ 5.000,00. **Melhor Casal de Noivos:** 1º lugar – Troféu + R\$ 5.000,00 para cada integrante. **Melhor Casal de Reis:** 1º lugar – Troféu + R\$ 5.000,00 para cada integrante (PREFEITURA DE PALMAS, 2019, p. 8) (grifo nosso).

²⁸ Disponível em: <<https://www.palmas.to.gov.br/secretaria/cultural/noticia/1510868/melhor-junina-do-arraia-da-capital-podera-ser-escolhida-pelo-publico-via-aplicativo/>>. Acesso em: 12 dez. 2019.

A seleção de 2019 exigia que as quadrilhas do grupo especial devessem ser, obrigatoriamente, formadas por no mínimo 20 pares, o grupo de acesso por 16 pares e o grupo comunidade por dez. As quadrilhas precisam se apresentar em 35 minutos e há quatro passos obrigatórios, entre eles apresentação do casal de noivos, do casal de reis, passo de roda e túnel. Historicamente, as apresentações de quadrilhas reuniam um grande público e o número de participantes dos grupos pode ultrapassar mil pessoas.

Em 2019, os itens avaliados pela comissão julgadora para classificar os grupos de quadrilha eram coreografia e harmonia, animação, figurino, repertório musical, animador/marcador, tema e alegoria/cenário. Conforme o edital, em todas as avaliações de personagens específicas em que houver empate, predomina a classificação que possuir mais idade. Há um tablado com tamanho específico para que as quadrilhas se apresentem na arena. De acordo com o edital, a área de apresentação das quadrilhas deve ser de 18 metros de largura por 26 metros de comprimento.

Sobre os quesitos de avaliação, a comissão julgadora analisa para a premiação de rainha, itens como coreografia (beleza e desenvoltura na dança), simpatia, figurino e elegância, no caso do marcador, são analisados pontos como animação, criatividade, comunicabilidade/eloquência/capacidade de expressão e figurino. Já o casal de reis tem os seguintes requisitos analisados: harmonia, simpatia, figurino e animação.

Na 27ª edição do evento ocorrido em 2019, o Arraiá da Capital teve 20 quadrilhas inscritas. Sendo oito do grupo de acesso, nove do grupo especial e um do grupo comunidade, como se pode ver na Tabela 2.

Tabela 2 - Colocação das quadrilhas no 27ª Arraiá da Capital

Colocação	Quadrilha
Grupo Especial	
1ª	Cafundó do Brejo
2ª	Pizada da Butina
3ª	Luar de Santo Antônio
Grupo de Acesso	
1ª	Pula Fogueira
2ª	Encanto Luar
Destques	
Rainha	Luar de Santo Antônio
Casal de Noivos	Luar de Santo Antônio
Marcador	Luar de Santo Antônio
Casal de Reis	Arrasta Pé da Liberdade

(Elaboração própria)

Do grupo de acesso se apresentaram Fogo na Cumbuca, Nação Junina, Já vim Já vou, Pula Fogueira, Coração Caipira, Girassol do Cerrado, Encanto Luar e Estrela do Sertão. As quadrilhas Cafundó do Brejo, Luar de Santo Antônio, Matutos da Noite, Coronéis da Sucupira, Explosão Amor Caipira, São João das Palmas, Arrasta pé do Liberdade, Pizada da Butina e Fulô de Mandacarú representaram o grupo especial. Já do grupo comunidade participaram a quadrilha do Centro de Referência em Assistência Social de Palmas, Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae) e a Fulô de Mandacaru, de Porto Nacional.

2.3 O Arraiá da Capital afetado pela pandemia da Covid-19

Como dito anteriormente, a 28ª edição do Arraiá da Capital ocorreu virtualmente por meio de *live* entre os dias 25 e 29 de novembro de 2020. A FCP e a Federação das Quadrilhas Juninas do Tocantins (Fequajuto) definiram um novo formato para a festividade por conta da pandemia da Covid-19, após a organização do movimento junino para que a festa tivesse continuidade.

O evento foi realizado no Espaço Cultural José Gomes Sobrinho, em Palmas, e transmitido ao vivo pelas redes sociais da Prefeitura de Palmas, o @cidadepalmas (YouTube e/ou Facebook), e também nos canais da TV Assembleia, TV Norte Tocantins e Portal G1 Tocantins²⁹. Para os quadrilheiros, o Arraiá ocorrer de forma *on-line* foi uma maneira encontrada para que a “chama” do São João não se apagasse.

Tivemos também as apresentações *on-line* né, que também foi uma forma de tá passando um pouco desse sentimento de tá mantendo o sentimento do São João vivo e o pessoal não desanimar, e que o pessoal tivesse esperança e fé que logo todo mundo estará em quadra juntos novamente. Foi uma forma que conseguimos para não deixar passar em branco o nosso São João. (Entrevista concedida em março de 2021).

A *live* teve grande participação interna, considerando a quantidade de equipamentos de áudio e vídeo dispostos pela locação da transmissão ao vivo, bem como a quantidade de pessoas atuantes nas equipes. É notório que houve aglomeração de pessoas nos bastidores do evento. Além disso, todas as pessoas que se apresentaram não usavam máscaras.

²⁹ Um exemplo prático de apropriação da mídia da manifestação cultural, dessa vez de forma a beneficiar a divulgação da festa, ponto importante para as apresentações de quadrilha terem um espaço para se mostrarem e continuarem repassando o que são, mesmo que de forma sem público, para quem sempre os acompanharam.

A edição nesse novo formato contou com a participação de 15 quadrilhas juninas (Tabela 03) e manteve a tradição da competição entre as candidatas a rainhas, casais de reis e casal de noivos. Para o novo formato, os organizadores trouxeram como novidade a inserção do casal cangaço na competição, dupla que está presente nas juninas desde antes da crise sanitária mundial, mas não possuía categoria própria para premiação. A competição também avaliava os melhores grupos de quadrilha entre grupo de acesso, grupo especial e grupo comunidade.

Tabela 3 - Relação de quadrilhas participantes do Arraiá

Quadrilha Junina	Grupo
Já vim, Já vou	Acesso
Explosão Amor Caipira	Acesso
Coração Caipira	Acesso
Arrasta Pé do Liberdade	Especial
São João das Palmas	Acesso
Luar de Santo Antônio	Especial
Pula Fogueira	Especial
Fogo na Cumbuca	Acesso
Matutos da Noite	Especial
Cafundó do Brejo	Especial
Fulô de Mandacaru	Especial
Encanto Luar	Especial
Coronéis da Sucupira	Especial
Pizada da Butina	Especial
Estrela do Sertão	Especial

Fonte: Fundação Cultural de Palmas

Diferente das edições anteriores, os cinco dias de evento não tiveram a presença do grande público que costuma movimentar a manifestação. Segundo a Prefeitura de Palmas, só foram aceitos no ambiente da transmissão a equipe de apoio da quadrilha, equipe de representantes, locutores do evento, equipe de trabalho contratada pela FCP, auxiliares de serviços gerais da FCP, comissão organizadora do Arraiá da Capital, serviço de segurança da FCP, imprensa (com autorização da Fundação Cultural de Palmas) e a equipe de jurados do 28º Arraiá da Capital. A Prefeitura de Palmas informou que foram cumpridas todas as normas sanitárias estabelecidas pelos órgãos de saúde.

Sobre a estrutura da festa, na 28ª edição houve apenas a apresentação de artistas locais³⁰ e não ocorreu a venda de comidas típicas, a montagem do coreto do forró e do parque de diversões como ocorria em anos anteriores, em consequência da pandemia. Apesar de ser realizado em um espaço menor, nesta 28ª edição, a festa não perdeu o seu primor. Como testemunha presente na manifestação cultural, foi possível notar o zelo na montagem do espaço com a decoração que remetia à roça. A festa contou com três palcos, um principal com pista para apresentação e disputa dos quadrilheiros, outro para os apresentadores e, por fim, o palco para as apresentações artísticas que remete ao famoso Coreto do Forró do Arraíá da Capital.

O formato das apresentações seguiu a “*Live Arraíá Solidário*”, evento ocorrido em 24 junho de 2020 como forma de “ensaio” para o Arraíá da Capital. A *live*, na época, transmitida pelas redes sociais da Prefeitura de Palmas, permitiu que os grupos de juninas apresentassem os temas de suas apresentações para o Arraíá da Capital e competissem com os melhores figurinos. Os grupos também puderam arrecadar doações para aqueles que foram impactados pela pandemia. Durante a *live*, as pessoas podiam realizar doações para distribuir entre os brincantes que não puderam participar e comprar, via *delivery*, comidas típicas do mês de junho.

Foto 2 - Live Arraíá Solidário

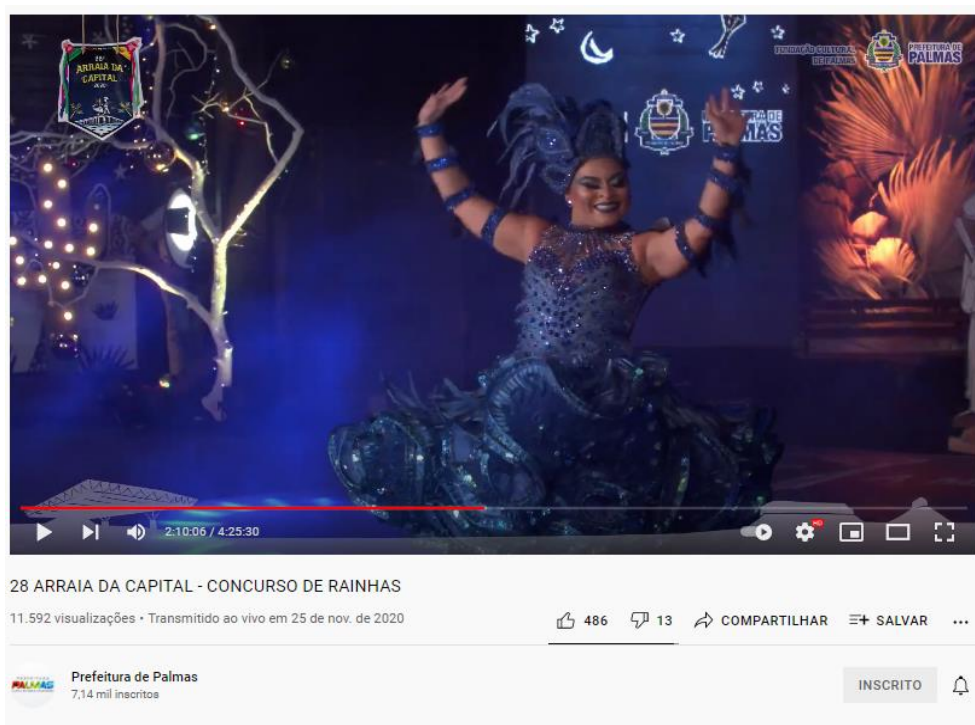


(TV Anhangera/Reprodução)

³⁰ Além das competições, a animação do evento virtual ficou por conta dos cantores Eletra, Trio Bacana, Forró Pedra de Fogo, Forró do H, Cleiton Farias, Cintia e Janaína, Ageu e Rodrigo, Karollina do Cerrado e Nadyana Oliveira e Théó Santana, artistas regionais.

Sobre o Arraiá da Capital, assim como em outras edições da festa, as juninas que tiverem a melhor somatória de resultado das apresentações de seus casais representantes e a rainha mais bem colocados receberam o troféu de Campeã em suas modalidades, entre Grupo de Acesso e Grupo Especial. Marcada por muitas cores, brilho e emoção, exibições inéditas com figurinos, maquiagens e caracterização temática luxuosas, no dia 25 de novembro houve a escolha da Rainha. Foi um dia muito emocionante para as mulheres que se apresentavam, porque simbolizava um pouco do retorno da festa que estava ameaçada a não acontecer. Notei que muitas estavam emocionadas por serem avaliadas e estarem ali vestidas como verdadeiras rainhas, mesmo com a pandemia e tudo que enfrentaram ao longo de um ano muito difícil.

Foto 3 - *Live* do Concurso de Rainhas do Arraiá da Capital



(YouTube/Reprodução)

No dia 26 ocorreu o Concurso do Casal do Cangaço, os candidatos trouxeram a simbologia da saga dos personagens históricos da cultura nordestina, Lampião & Maria Bonita, que esteve presente em todas as apresentações das 15 quadrilhas, abordando em cada detalhe a estética do cangaço nordestino. As apresentações dos Casais do Cangaço foram marcadas pela força e o vigor dos casais, que mostravam uma sincronia bonita e agradável aos olhos. A maioria trouxe performances fortes e que representavam a bravura desse notável casal do imaginário brasileiro.

Foto 4 - Live do Concurso de Casal do Cangaço do Arraiá da Capital



(YouTube/Reprodução)

O dia 27 foi marcado pelas apresentações dos casais de reis representantes das quadrilhas juninas de Palmas. Conforme a FCP, a disputa dessa modalidade de casal não ocorria em Palmas desde 2010, sendo que o novo formato exigido pela pandemia possibilitou esse retorno.

Foto 5 - Live do concurso de Casal de Reis do Arraiá da Capital



(YouTube/Reprodução)

Um ponto marco daquela noite foi a tradicional decoração natalina de Palmas. Na ocasião, o Papai Noel foi recebido e conduzido por um túnel pela Rainha do 28º Arraiá da Capital, Waldenicy Souza, da junina Matutos da Noite. A prefeitura afirmou que o encontro aconteceu por conta da realização do Arraiá da Capital em data atípica, ocasionada pela pandemia do coronavírus. A respeito do acontecido, a ocasião em que eu fazia parte do júri, a secretária da Comunicação da Prefeitura de Palmas, Ivonete Motta, teceu o seguinte comentário

Mérito do Papai Noel, que foi acolhido pelos casais das juninas. Olha a coincidência: São João foi o porta-voz do anúncio da chegada de Cristo e eis que o filho de Deus nasceu bem no Natal. Por causa da pandemia, as luzes de Natal e das juninas deste ano foram juntas e misturadas. (Fala concedida em novembro de 2020)

No dia 27 houve a disputa dos casais de noivos. A paixão, o cuidado, os sonhos, a família e as diversas formas de amar e se entregar ao romance estiveram presentes no enredo das quinze juninas que se apresentaram. Jovens casais, namorados, esposos ou amigos na vida real, brilharam em emocionantes apresentações. Os casais, mesmo com as dificuldades desse

ambiente com o número reduzido de público, mostraram o quanto estavam em harmonia durante as apresentações. Apesar de relatarem a diferença entre se apresentar em quadra lotada de gente a aplaudir, o espaço reduzido não tirou a beleza e o amor exigidos durante a performance.

Foto 6 - Live do concurso de Casal de Noivos do Arraiá da Capital



(YouTube/Reprodução)

No dia 28 daquele mês houve a apuração das vencedoras em que a FCP contabilizou as notas de 12 jurados e deu o resultado das vencedoras. Todos os dias de programação contaram com apresentações musicais de música regional entre cada performance. Neste dia aproveitei

para saber um pouco mais sobre como é feita a somatória dos pontos na prática, após ficar a par do processo que está descrito em edital da FCP e repassado anteriormente ao júri³¹.

Foto 7 - Live da apuração do Arraiá da Capital

RESULTADO CASAL DE NOIVOS

QUADRILHA	TOTAL	POSIÇÃO
FOGO NA CUMBUCA	318,000	1 ° LUGAR
EXPLOSÃO AMOR CAIPIRA	316,400	2 ° LUGAR
JÁ VIM JÁ VOU	314,000	3 ° LUGAR
SÃO JOÃO DAS PALMAS	313,100	4 ° LUGAR
CORAÇÃO CAIPIRA	312,200	5 ° LUGAR

28 ARRAIA DA CAPITAL - APURAÇÃO
3.499 visualizações... 97 5 COMPARTILHAR SALVAR ...

Prefeitura de Palmas
7,14 mil inscritos INSCRITO

(YouTube/Reprodução)

Tabela 4 - Colocação das quadrilhas no 28ª Arraiá da Capital

Grupo Especial	
Colocação	Quadrilha
1 ^a	Cafundó do Brejo
2 ^a	Pizada da Butina
3 ^a	Arrasta Pé do Liberdade
Destaques	
Rainha	
1 ^a	Matutos da Noite
2 ^a	Luar de Santo Antônio

³¹ Mais detalhes no Edital 014/2020 da FCP. Disponível em: <https://www.palmas.to.gov.br/media/orgao/documentos/EDITAL_014-2020_-_28%C2%BA_ARRAIA_DA_CAPITAL.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2021.

3 ^a	Arrasta Pé do Liberdade
Casal de Noivos	
1 ^a	Arrasta Pé do Liberdade
2 ^a	Matutos da Noite
3 ^a	Cafundó do Brejo
Casal de Reis	
1 ^a	Cafundó do Brejo
2 ^a	Arrasta Pé do Liberdade
3 ^a	Matutos da Noite
Casal Cangaço	
1 ^a	Cafundó do Brejo
2 ^a	Pizada da Butina
3 ^a	Pula Fogueira

(Elaboração própria)

Em 2020, a FCP patrocinou novamente os grupos que se apresentaram com R\$ 49.900,00 para quadrilhas do grupo de especial e R\$ 31.800,00 para o grupo de acesso. Assim como em outros anos, esse dinheiro deve ser investido nas apresentações e os grupos devem prestar contas. Em 2020, as melhores quadrilhas não receberam prêmios em dinheiro, somente troféu. No entanto, os prêmios individuais em dinheiro permaneceram. Em premiação, a FCP pagou R\$ 39 mil, incluindo todas as categorias premiadas, ficando distribuído da seguinte forma:

Grupo Especial: 1º, 2º, 3º, 4º e 5º lugar – Troféu. **Grupo de Acesso:** 1º, 2º, 3º, 4º, 5º lugar – Troféu. **Grupo Comunidade:** 1º lugar – Troféu; **Rainha do Arraiá da Capital:** 1º lugar – Faixa de Rainha + Troféu + R\$ 5.000,00. 2º Lugar – Faixa de 2ª Rainha; 3º Lugar – Faixa de 3ª Rainha. **Melhor Casal Cangaço:** 1º lugar Grupo Especial – Troféu + R\$ 5.000,00; 1º lugar Grupo Acesso – Troféu + R\$ 3.000,00. **Melhor Casal de Noivos:** 1º lugar Grupo Especial – Troféu + R\$ 5.000,00 para cada integrante; 1º lugar Grupo Acesso – Troféu + R\$ 3.000,00. **Melhor Casal de Reis:** 1º lugar Grupo Especial – Troféu + R\$ 5.000,00 para cada integrante; 1º lugar Grupo Acesso – Troféu + R\$ 3.000,00. (PREFEITURA DE PALMAS, 2020, p. 15-16) (grifo nosso).

Realizaram as apresentações individuais e em duplas, com duração de até cinco minutos, como exigido pela comissão organizadora, 15 grupos de quadrilha, sendo dez do grupo especial e cinco do grupo de acesso. Não houve apresentações do grupo comunidade. Todos os quadrilheiros participantes eram residentes da cidade de Palmas, como preconizado pelo edital de seleção. Se apresentaram no tablado as juninas Matutos da Noite, Luar de Santo Antônio, Arrasta Pé do Liberdade, Já Vim Já Vou, Explosão Amor Caipira, Coração Caipira, São João das Palmas, Pula Fogueira, Fogo na Cumbuca, Cafundó do Brejo, Fulô de Mandacaru, Encanto Luar, Coronéis da Sucupira, Pizada da Butina e Estrela do Sertão).

Diferente de 2019, apesar de escolher as melhores quadrilhas, a edição de 2020 não premiou em dinheiro as que tiveram as melhores apresentações e, em consequência disso, observa-se que os jurados não avaliaram os grupos separadamente e sim os destaques.

Sobre os requisitos de avaliação, os jurados escolhidos para analisar as performances, tiveram que observar, no caso da rainha, desenvoltura na dança, figurino, coreografia e repertório musical. Já no caso dos casais de reis, noivos e cangaço, os jurados avaliaram a desenvoltura na dança, figurino, coreografia e harmonia do casal. Ao contrário da 27ª edição, o tablado das apresentações da 28ª tinha apenas seis metros de largura, por seis metros de comprimento. Enquanto jurada, notei nesses cinco dias que a animação das apresentações é bem inferior à quando o evento ocorria presencialmente. Das 60 notas que dei, ao menos um terço desse número teve problemas com animação e desenvoltura da performance. Um quadrilheiro afirmou em entrevista que se viu prejudicado por conta disso.

A diferença de ser quadrilheiro na pandemia é porque a junina tem praticamente vinte e quatro a trinta e dois, trinta e seis, até quarenta casais. Então você imagina oitenta pessoas numa quadra dançando, a animação que traz, a energia, aquela positividade, aquele calor humano e até pra passar para as pessoas que estão assistindo, aquilo é muito forte, você tá num grupo, num couro. Agora, quando começa a pandemia, é tudo muito, só os casais de destaque, é pra câmera, não tem toda a emoção. Até pra você trazer a emoção que você traz à quadra, eu não acho que nem consegue, pra falar a verdade (Entrevista concedida em março de 2021).

Muitas equipes não desenvolveram passos da dança e o figurino com afinco, muitas com a justificativa que tiveram pouco tempo para se preparar foram outras questões notadas pela observação. No entanto, pude perceber o esforço de cada integrante dos grupos por dar o seu melhor, por correr atrás de se apresentar para não deixar o sentimento junino se esvaír. Choros de alegria tomaram de conta da pós apresentação.

2.4 As temáticas das quadrilhas com e sem pandemia

As quadrilhas juninas estão presentes em todos os estados brasileiros e cada região a reinventa a partir de sua própria cultura. As quadrilhas juninas de Palmas atuam no contexto social durante o Arraiá da Capital (RIBEIRO, 2013). Para além das temáticas que envolvem o cenário sertanejo que entrelaça elementos do Norte e Nordeste com simbolismos presentes no Tocantins, o enredo das quadrilhas também aborda em todas as suas edições o que está em voga na mídia, a resistência do povo negro, a pauta da violência contra a mulher, igualdade de gênero, diversidade religiosa, meio ambiente, política e muitos outros assuntos atuais e que favorecem a conscientização de quem assiste.

No Tocantins, essas temáticas incorporam novos símbolos como o girassol, o capim dourado, o Jalapão, a política local, as cores azul e amarelo da bandeira do estado, fatos que se refletem no Arraíá da Capital. Sobre esse entrelace das temáticas de elementos do Nordeste e os simbolismos tocantinenses, Meneses e Ribeiro (2015, p. 3) afirmam que “[...] existe uma reelaboração da cultura nordestina paralela ao fortalecimento de uma identidade tocantinense ainda em construção”. A força representativa do Nordeste, a autoras destacam a região

[...] como berço das quadrilhas [que] influencia o panorama das quadrilhas no Tocantins e em Palmas, além disso, as manifestações culturais nordestinas são constantemente a inspiração para se criar e recriar as próprias manifestações no Tocantins. [...] O berço brasileiro das quadrilhas está no Nordeste e os quadrilheiros palmenses se espelharam ali para estilizar suas apresentações e procurar formas de profissionalização. Este esforço em fortalecer as quadrilhas, o desejo de participar das competições de forma igualitária, são fatores que impulsionaram este crescente reconhecimento que em 2013, no Campeonato Nacional, instituiu Palmas como sede (pela segunda vez consecutiva) e ocasionou a vitória de um grupo palmense sobre as quadrilhas nordestinas que são sempre favoritas por sua tradição (MENESES; RIBEIRO, 2015, p. 9).

Isso se dá, conforme as autoras, devido à forte migração nordestina presente no estado. O último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística apontou que 21% dos moradores do estado são provenientes da região Nordeste, que fica atrás somente da região Norte, que representa 57% do total de migrantes. Em Palmas a situação novamente se repete. Para Ribeiro (2013, p. 43),

[...] em Palmas, as culturas nortista e nordestina estão muito evidenciadas na oralidade, culinária e nas produções artísticas. Esta herança cultural influenciou na cidade, que, não por acaso, é o local onde existe o maior registro de quadrilhas profissionais e as mais reconhecidas no âmbito regional. As culturas do norte e nordeste são frequentemente identificadas em todo o universo quadrilheiro através dos temas, personagens homenageados, figurino e outros elementos pois causam uma maior identificação e proximidade da linguagem cultural. Aliado ao fato de as quadrilhas juninas terem seu espaço fortalecido no Nordeste, portanto, as grandes manifestações culturais nordestinas são constantemente a inspiração para se criar e recriar as próprias manifestações.

Entre os elementos narrativos do Nordeste que inspiram a quadrilha palmense está a seca que também permeia o imaginário do povo tocantinense. Segundo Ribeiro (2013, p. 58) a seca “[...] ocasiona as outras grandes questões como a separação, a migração e a fome. É uma questão mais especificamente nordestina, mas que causa identificação no tocantinense que também tem estas mesmas dificuldades na época da seca”. A questão dos retirantes é outro imaginário que inspira o povo tocantinense por identificação, pois grande parte do povo do

Tocantins é proveniente de outras regiões do país que procuraram o estado em busca de melhores oportunidades (RIBEIRO, 2013).

Ribeiro (2013) pontua que o pau-de-arara, meio de transporte inseguro utilizado na zona rural, também é outro elemento retratado nas quadrilhas juninas do Nordeste que o tocantinense utiliza por identificação. As personalidades da cultura nordestina como Lampião e Maria Bonita, Padre Cícero e outros são constantemente retratadas na dança, inclusive como enredos centrais da história.

Os espetáculos também são marcados pela literatura nordestina, que inclusive já foi tema central das quadrilhas. Caso dos autores Adriano Suassuna e Jorge Amado, que sempre têm suas histórias retratadas nas festividades. A música nordestina, muitas de Luiz Gonzaga e Dominguinhos, também é marcante nas apresentações. Sempre estão presentes o baião, o forró e o xaxado, tocados pelas estrelas da festa, a sanfona, a zabumba e o triângulo. Muitas apresentações contam com músicas inéditas e tocadas ao vivo. A sofisticação do figurino também é uma herança nordestina e nortista.

Por isso, o Nordeste é grande fonte de inspiração para a criação e recriação das quadrilhas juninas no Tocantins. É onde os palmenses se espelham e buscam fontes de inspiração, fato este que colaborou para o reconhecimento das quadrilhas, que por muitas vezes conseguiram alcançar primeiros lugares em competições nacionais. A cultura brasileira é sempre exaltada nas quadrilhas por meio da literatura, música e grandes autores. A cultura internacional também tem seu espaço (RIBEIRO, 2013).

Frequentemente a cultura popular brasileira é exaltada através de seus personagens e histórias, mas não é incomum encontrar elementos estrangeiros que pairam sobre nossa cultura nacional. Contos de fadas estrangeiros são frequentemente tomados e adaptados a uma história regional. Como exemplo disto temos a quadrilha “Fogo na Cumbuca” com o tema “Cumbuca invade o País das Maravilhas”. (RIBEIRO, 2013, p. 57).

No ano de 2019, as quadrilhas juninas de Palmas trouxeram diversos temas que abordaram a mistura de elementos juninos do Nordeste com símbolos tocantinenses e o destaque para as pautas sociais para o Arraiá da Capital. Exemplo do que foi exposto, entre as campeãs do grupo especial, em 2019, a junina Cafundó Brejo se apresentou com o tema “Bendito o fruto dessa negra evolução”, que tratou sobre o racismo e a diversidade religiosa; a Pizada da Butina abordou o enredo “O preconceito afasta e o respeito une” e pediu respeito às diversidades; e a Luar de Santo Antônio apelou para o lado emotivo e teve como tema “Sentir saudade. Sem ti, saudade”. O grupo tratou na sua apresentação da tradição das juninas. Entre as

vencedoras do grupo acesso, com o tema “Uma lição de vida”, a depressão e o suicídio foram foco do enredo da junina Pula Fogueira. Já a Encanto Luar contou no seu enredo como começaram as festas de São João.

Foto 8 - Quadrilheiros da junina Pizada da Butina pedem respeito

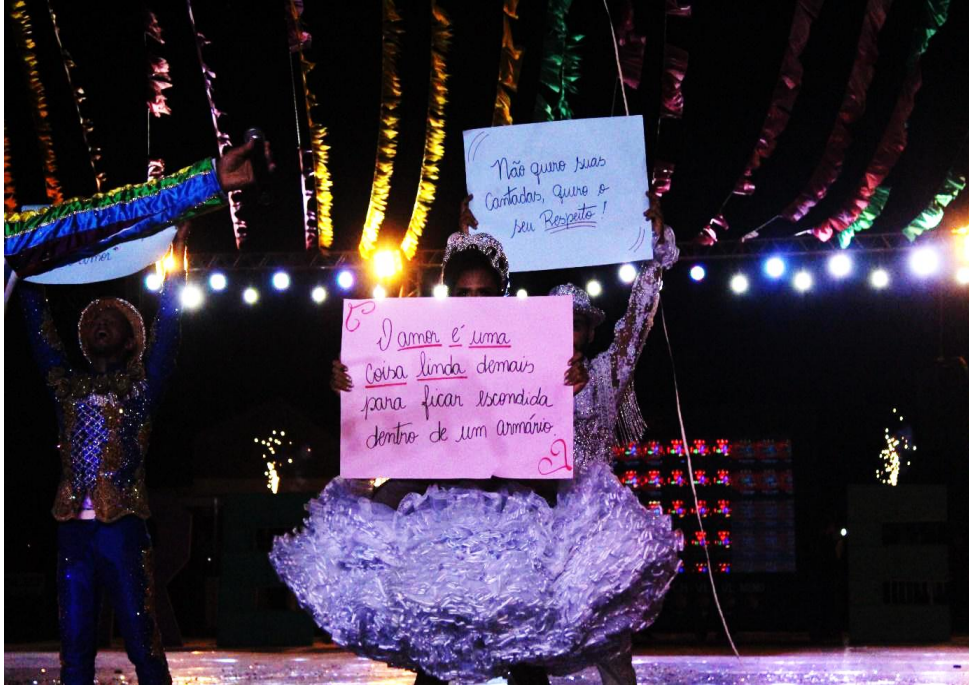


Foto: Elâine Jardim

Foto 9 - Cenário da quadrilha Pizada da Butina

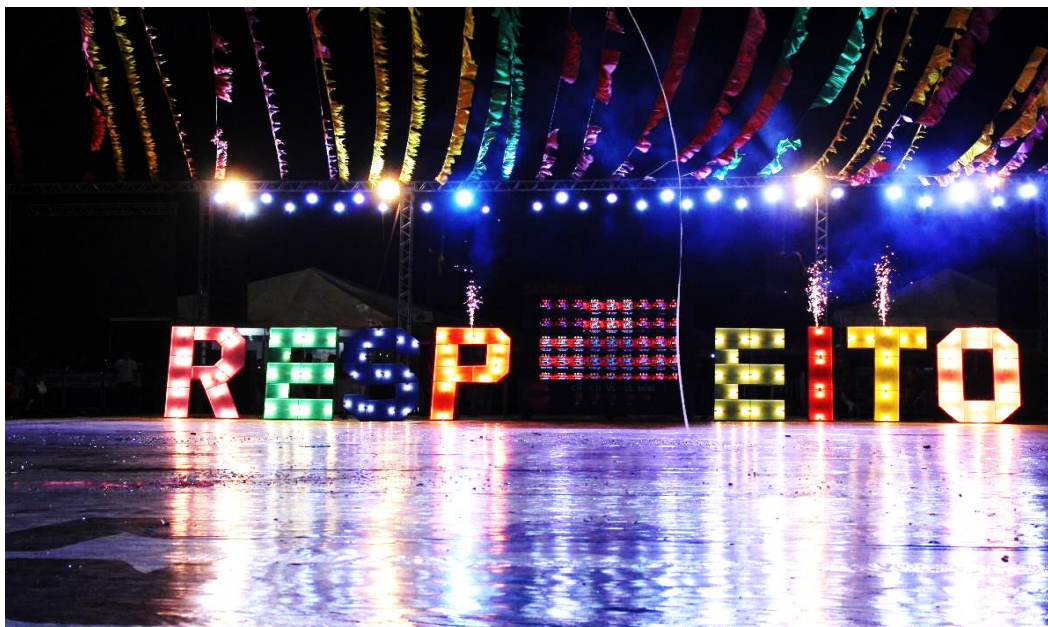


Foto: Elâine Jardim

Nota-se que há uma gama de variedade de abordagens presentes nas apresentações, que variam, não só desde ao tão tradicional cenário nordestino, mas perpassam pelas discussões sociais e se ancoram também no contexto histórico tocantinense e palmense que é repleto de particularidades regionais.

Em 2020, em evento *on-line*, o Arraiá da Capital trouxe apenas seus casais destaques, como casal de reis, noivos, cangaço, como dito anteriormente reduziu bastante o número de participantes por conta da pandemia. Observei que nem todas as juninas adaptaram o tema da quadrilha a todos os quadrilheiros, ou seja, os casais poderiam se apresentar com temáticas distintas dentro de um mesmo grupo. Considerando que, como dito antes, os quadrilheiros em suas apresentações contam histórias enquanto realizam as performances a partir dos personagens que permeiam o meio junino, durante a pandemia esse enredo ficou diferente, inclusive a escolha dele.

Para Juliano Marques Neves, marcador e diretor artístico da quadrilha junina Encanto Luar, que afirmou em entrevista para este trabalho, o impacto da pandemia nas temáticas possui vieses diferentes, pois, segundo ele, havia grupos que dedicavam alguns dias do ano em que os componentes poderiam apresentar, presencialmente, propostas de temáticas. Isso era feito como uma apresentação de um projeto, que tinha uma banca avaliando para ver a viabilidade e a importância da proposta. Na ocasião, os grupos aproveitavam para confraternizar.

De acordo com Neves, também existem quadrilhas juninas que escolhiam essas temáticas sem ser em um ambiente de confraternização, faziam essa escolha de forma mais simples. Os componentes se juntavam na casa de alguém e em *brainstorming*³² iam reunindo ideias.

A partir daquelas ideias que eram jogadas ali numa mesa, eram selecionados aquilo que era de melhor e colocados pra votação, que também era presencial. Por outro lado, era rotina de outros grupos juninos que tinham uma pessoa cabeça que pensa na temática e depois mostra para um grupo de direção artística da quadrilha. Também para discutir, para saber se é uma boa ideia, pra saber se é viável. Sempre de forma presencial (Entrevista concedida em junho de 2021).

Neves percebe que durante a pandemia, esses participantes das quadrilhas tiveram que ir para o ambiente virtual. Segundo ele, muitas discussões foram travadas de maneira virtual. “A pandemia veio e a gente teve que pensar de outras maneiras [para continuar a festa]. E dentro dessa questão do distanciamento a virtualidade foi muito importante”, afirmou o quadrilheiro,

³² Debate.

destacando que com a vacinação as pessoas passaram a ter menos medo e começaram a se sentir mais seguras para encontros presenciais. Garmatter *et al.* (2020, texto *on-line*), a respeito dessa virtualização, analisam que

Diante do cenário de isolamento social, a virtualização da cultura tornou-se uma poderosa ferramenta para a manutenção de certa normalidade. Com a impossibilidade da realização de eventos que promovem aglomerações, o uso de redes sociais e plataformas de *streaming* mostrou-se uma solução tanto para a continuidade das atividades culturais quanto para reforçar a necessidade do engajamento populacional, para que todos permanecessem em casa. [...] A oferta virtual de experiências artísticas guarda ainda um caráter de refúgio no sentimento de instabilidade social introduzido pelo período da crise. O contato com espetáculos, cursos, debates e toda a gama de conteúdo cultural veiculado na rede – além de estimular a experiência intelectual – contribui para a satisfação da necessidade de lazer do indivíduo.

Um dos quadrilheiros afirmou que com a vacinação, as pessoas passaram a ter menos medo e têm voltado a se sentir mais seguras para se reunir e terem esse debate. O quadrilheiro narra o processo pessoal sobre a escolha da temática da junina que fez parte.

Muito material, muita criação foram feitos nesse mundo virtual e onde a gente teve que apreciar as ideias a partir de imagens ou vídeos apresentados por aqueles que colaboram com a criação. Desde o [trabalho do] figurinista ao do coreógrafo, maquiador. Por exemplo, eu só fui ver o figurino quase pronto através de um vídeo que me foi apresentado já com bordados. Tinha sido aprovada uma ideia de croqui³³ e tudo mais, mas eu não eu por exemplo como direção eu não pude participar daquele processo de ir lá e ver sabe, que também é importante, né? Só depois que eu pude ver o dançarino já devidamente vestido para a performance (Entrevista concedida em junho de 2021).

Apesar das facilidades que essa virtualização trouxe, Neves observa que ficou mais caro produzir apresentações individuais do que a da quadrilha com todos os seus componentes. Ele explica:

Se você trabalha com uma produção tentando ir pra originalidade ao extremo, aí você vai compor música, você tem que ir pra dentro de estúdio. Então pra cada performance foi música diferente, pra cada performance um trabalho dentro do estúdio de forma diferente, pra cada temática uma criação diferente, uma coreografia diferente. Ou seja, acaba que isso vai ficando mais caro. Pra você ter uma ideia, só o casal de reis da junina Encanto Luar, que eu trabalho lá, [a apresentação] se não me engano, ficou cerca de uns nove mil reais (Entrevista concedida em junho de 2021).

Ainda sobre a escolha da temática, o quadrilheiro explica que quando uma temática é escolhida para todo grupo junino, as performances individuais elas incorporam na temática

³³ “O croqui é uma palavra que vem do francês (croquis) e que quer dizer, ao pé da letra, “esboço”. Um croqui pode ser usado em diversas áreas, da arquitetura a moda. Por ser um esboço, são traços simples, sem a necessidade de grandes detalhes no desenho.” Disponível em: <<https://esamc.br/noticia/O-que-sao-croquis-/>>.

central da própria quadrilha. “A não ser que por algum motivo queiram que nas competições de casais individuais tenham temáticas diferentes da quadrilha, mas geralmente os grupos pegam as temáticas que são as quadrilhas e jogam dentro das performances individuais dos casais”, explica, ressaltando que essa incorporação deixa a apresentação mais barata, pois é uma criação coletiva.

Luara Aquino, uma das coordenadoras do júri do Arraiá da Capital de 2020, analisou em entrevista que mesmo com os contratempos que a pandemia trouxe, os grupos de quadrilha foram criativos em não perder a essência que mantém o laço com a quadrilha que são os casais que tradicionalmente compõem a quadrilha, afirmação comprovada com os espetáculos esplêndidos, marcado por todos os participantes e, claro, pelos mais bem colocados na competição.

No caso das três melhores rainhas colocadas na disputa, a representante da junina Matutos da Noite, que se apresentou com o tema Azul da Liberdade, chamou a atenção para a preservação da fauna brasileira, em especial da Ararinha-Azul. A vencedora esbanjou talento em um figurino azul, cheio de plumas e beleza, assim como a Ararinha-Azul, ave brasileira considerada uma das mais raras do mundo. A espécie está extinta na natureza desde 2000, sendo encontrada apenas em cativeiro. A segunda colocada, Juliana da Luar de Santo Antônio, representou a deusa hindu Kali, considerada pelo hinduísmo a Mãe Natureza. A junina Arrasta Pé do Liberdade, terceira colocada, teve sua rainha representando a deusa grega do fogo, Hestia. As temáticas foram repetidas na apresentação dos casais de reis.

Já os casais que performaram representado o cangaço, trouxeram, entre os vencedores, os temas “Assum Preto e Asa Branca”, da Cafundó do Brejo; “A morte”, da Pizada da Butina e a “História de Lampião e Maria Bonita”, da Pula Fogueira. Quanto aos casais de noivos, foram trazidos entre os vencedores as temáticas “Case-se comigo em uma noite de luar”, da Cafundó do Brejo, a luta pela vida e resistência das pessoas em sofrimento mental, do grupo junino Matutos da Noite e, por último, o casamento de Paris e Helena, heróis da mitologia grega, cerimônia performada pelos brincantes do grupo Arrasta Pé do Liberdade.

3 ENSAIO VISUAL DAS APRESENTAÇÕES DAS QUADRILHAS JUNINAS DO ARRAIÁ DA CAPITAL

*Inté' mesmo a asa branca
Bateu asas do sertão
Entonce' eu disse: adeus, Rosinha
Guarda contigo meu coração
Entonce' eu disse: adeus, Rosinha
Guarda contigo meu coração
Hoje longe, muitas léguas
Numa triste solidão
Espero a chuva cair de novo
Pra mim vortar' pro meu sertão
Espero a chuva cair de novo
(Asa Branca – Luiz Gonzaga)*

O ensaio visual apresentado a seguir é fruto do acompanhamento das apresentações das quadrilhas juninas do Arraiá da Capital em 2019 e 2020, ou seja, antes e depois da pandemia do novo coronavírus. Com a primeira parte do ensaio busquei mostrar a maestria do que são as quadrilhas juninas de Palmas. Com a segunda, a intenção foi mostrar, a partir de um paralelo com a primeira parte, como essa maestria e a força de dar continuidade à festa prevaleceu nas apresentações dos quadrilheiros mesmo com as adversidades trazidas pela crise sanitária enfrentada mundialmente.



Arraiá da Capital





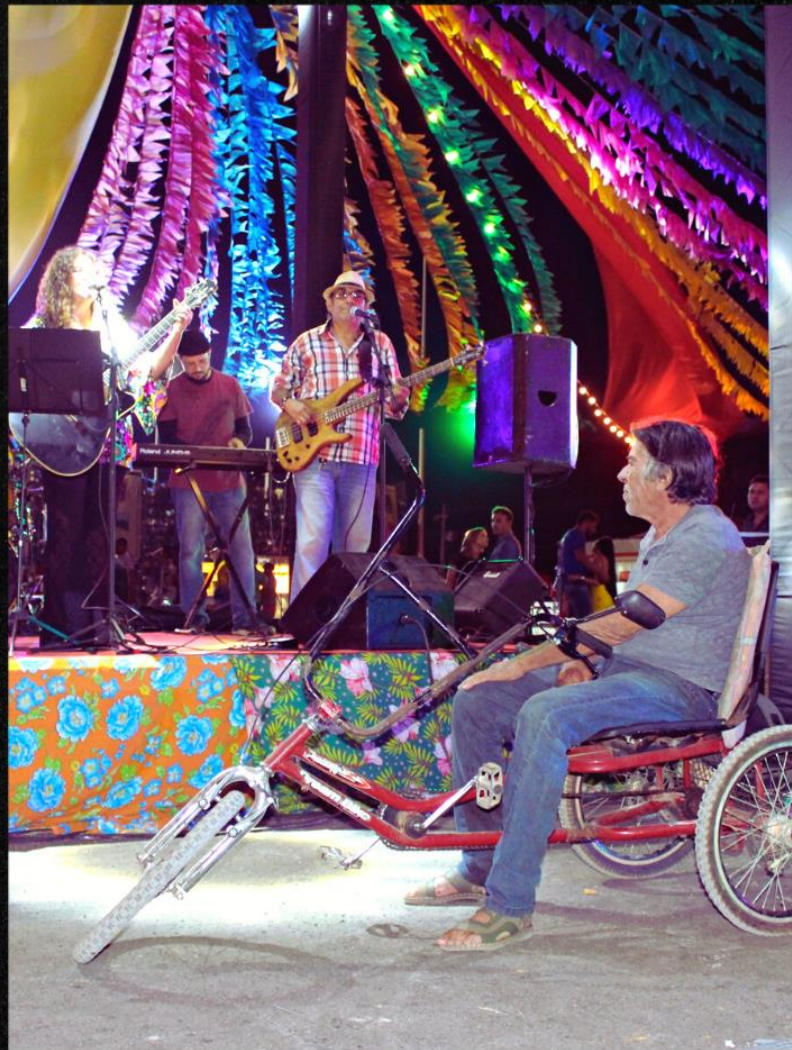
No calor do povo!

CANVA STORIES



CANVA STORIES 400

CANVAFILM F400



CANVA STORIES 14



CANVA

14

CANVA STORIES

CNV40

14

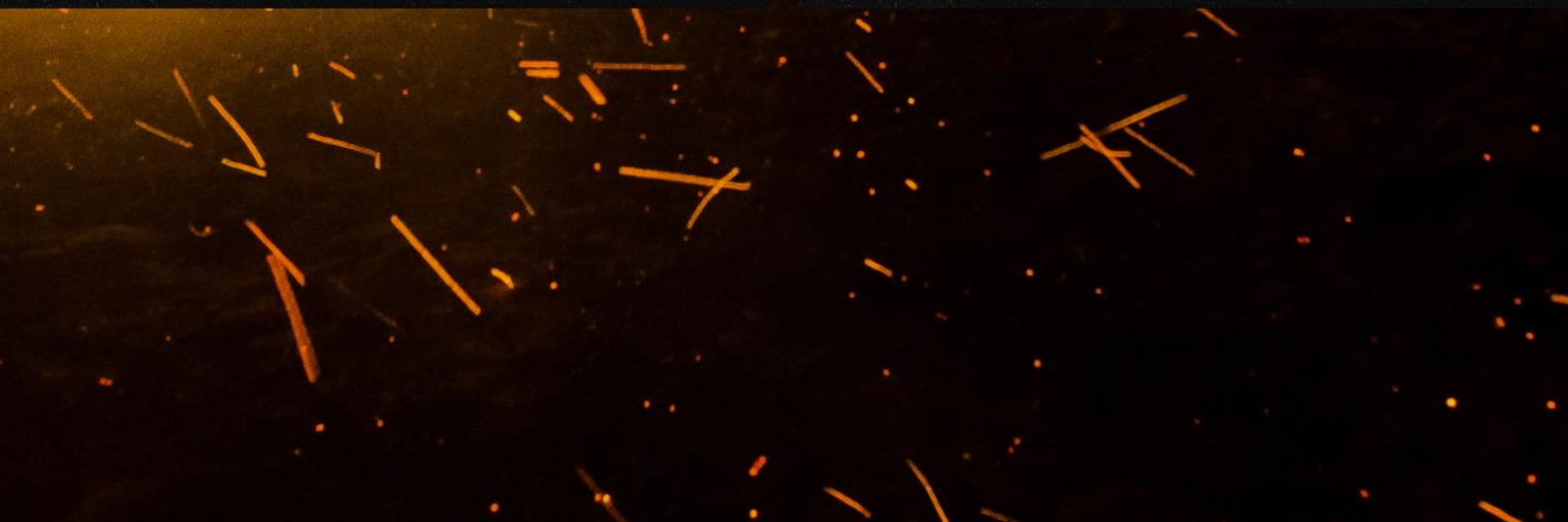
CNV40

14

CANVA STORIES

CNV40

14





CNV40

14

CANVA STORIES

CNV40

14

Cada um na sua casa...



19

CANVA STORIES



19

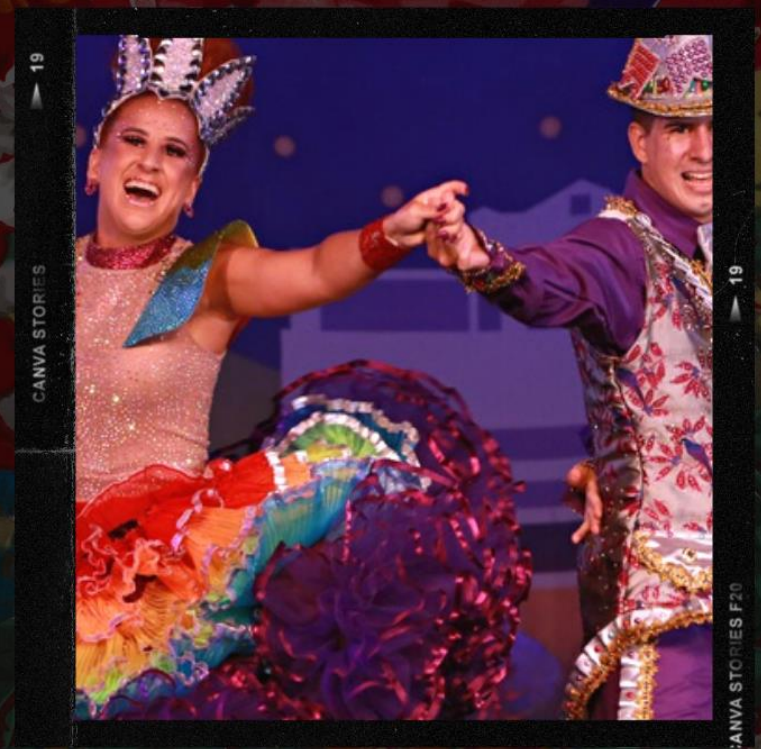
CANVA STORIES F20



CANVA STORIES 400



14

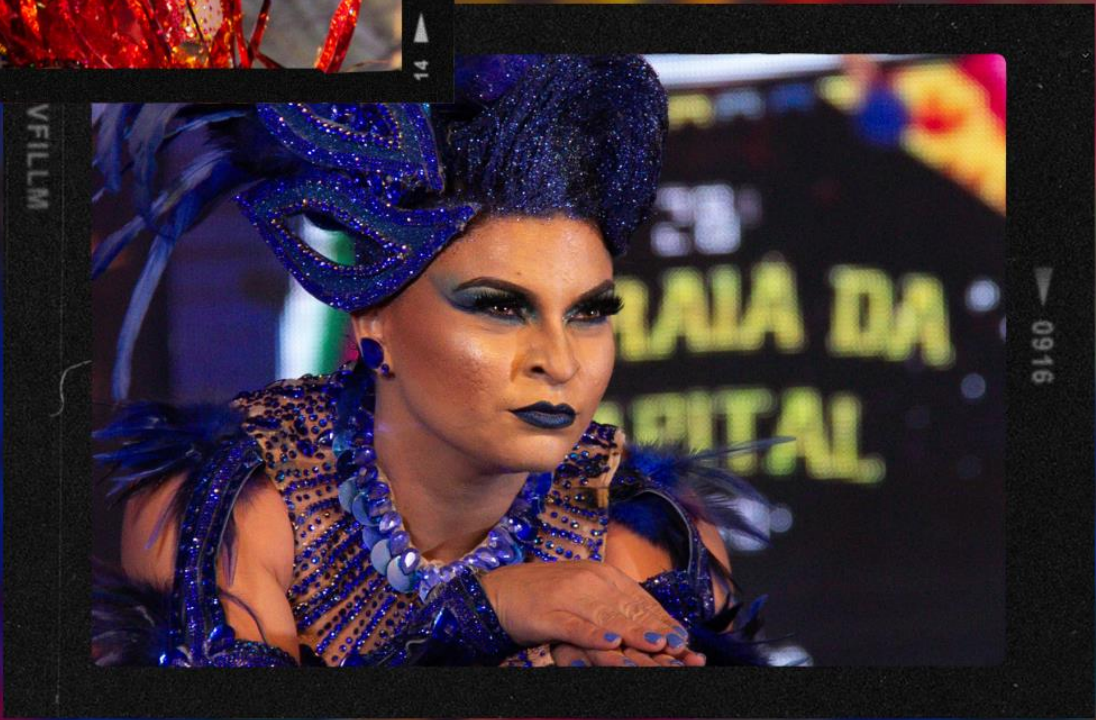


19

CANVA STORIES

19

CANVA STORIES F20



CNV40

14 ▲

CANVA STORIES



CNV40

14 ▲

CNV40

14

CANVA STORIES



CNV40

14

CNV40

14

CANVA STORIES



CNV40

14

KODAK PORTRA 400

47



7 P 1/250 F 11 +0.7 E100 -- mm

5

4 RELATOS DOS QUADRILHEIROS IMPACTADOS PELA PANDEMIA DA COVID-19 – DADOS, ENTREVISTAS E ANÁLISES

Ser quadrilheiro antes da pandemia era encontro, era abraço, eram sorrisos, era o suor.

(Entrevista concedida em março de 2021)

4.1 Identidade do quadrilheiro

Para falar da identidade do quadrilheiro, de antemão, é necessário compreender o significado de identidade na sua origem. O conceito de identidade nasce na filosofia, como a ideia de descrever algo que se difere de outrem, mas é idêntico a si mesmo. Dentro desta ideia Habermas propõe que “[...] a autoidentificação predicativa que efetua uma pessoa é, de certa forma, condição para que essa pessoa possa ser identificada genericamente e numericamente pelas demais” (HABERMAS, 1988, p.147, tradução própria). Portanto a identidade é fruto da contradição entre a percepção do indivíduo e da sociedade, podendo ser mudada de maneira inconsciente, tanto na percepção do indivíduo quanto na identidade reconhecida por outrem.

Habermas reconhece ainda que o indivíduo pode também alterar e construir novas identidades, a partir da ideia de que as interações sociais são mutáveis e de que o ser em si mesmo (*self*) pode ser fragmentado e corrompido ao longo da própria existência. O autor entende que o ser em si mesmo é mutável ao longo da vida, mas se mantém constante em sua essência, algo que é sempre reconstituído apesar de suas vivências. O entendimento de Habermas é exemplificado por Husserl (2001, p. 83) quando o autor diz que “[...] esse ato passa, mas eu sou e permaneço daqui por diante um eu que decidi desta ou daquela maneira, [...] enquanto ela [a decisão] é válida para mim, posso voltar a ela muitas vezes”.

Para a sociologia, por sua vez, a identidade é sempre uma construção. O ponto a ser debatido é a forma como se dá esse processo, da sua origem e finalidade até suas particularidades, como indica Castells:

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que organizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão tempo/espaço (CASTELLS, 1999, p. 23).

É por meio da memória que os povos encontram meios para sua cultura resistir, repassando pela comunidade relações de identidade e pertencimento. Esse é o movimento que mantém a memória, os costumes e os modos de viver de um povo. Sem a transferência das relações de pertencimento, construído com os laços identitários, é possível que uma cultura deixe de existir (BELTRÃO, 1980).

Com a cultura, existe a possibilidade de diferenciar um povo dos demais, fazendo com que laços identitários tragam significado às vivências comuns de um povo. Ressalta-se com essas afirmações, a relevância de se entender as próprias bases culturais, para que ocorra a construção desses laços de identidade, com o objetivo de se manifestar enquanto indivíduo, compreendendo as formas de estabelecimento da identidade coletiva.

É importante enfatizar, então, que a cultura é a forma que o povo encontra para se manter pertencente a um lugar, desenvolver a economia, assim como criar laços de identidade e afeto com a comunidade da qual faz parte. Os sentimentos de pertencer e se identificar interferem na construção social da história de um povo. Quando um indivíduo se sente pertencente e se identifica com o lugar em que habita, as relações sociais são mais prazerosas.

Sobre o sentimento de pertencimento, Bauman afirma que:

Tornamo-nos conscientes de que o pertencimento e a identidade não possuem a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que ele percorre, a maneira como age – a determinação de se manter firme e tudo isso – são fatores cruciais tanto para o pertencimento quanto para a identidade (BAUMAN, 2005, p. 17).

Bauman (2005) traz também a problemática com essa necessidade de estar enquadrado em uma cultura, ser e pertencer àquela identidade, uma vez que isso nos limita, só conseguimos ir até ali, onde a nossa cultura permite, sem deixar que a identidade transborde. Levando em consideração que a identidade é constantemente construída, e está o tempo todo em mutação, então não há por que nos colocar em um só lugar, pertencentes a uma só terra e a uma só maneira de plantar nela.

Os indivíduos procuram mais por uma identidade, um porto seguro para estar quando se desamarram das âncoras sociais que lhes impõe a própria identidade. Eles buscam desesperadamente pelo sentimento de pertencimento, querem cada vez mais se sentir parte de um lugar, bem como ser útil a esse espaço, servindo a sua “nação” de alguma maneira. A necessidade de se sentir seguro faz com que as pessoas necessitem ser precisamente identificadas. No entanto, o próprio significado de segurança é ambíguo e impreciso

(BAUMAN, 2005). As festas juninas despertam os sentimentos de identificação e pertencimento. Para Ribeiro (2013, p. 37),

[...] como a quadrilha expressa antes de tudo o amor, fé e família, estas demonstrações de gentileza e afeto, mesmo que aparentemente sutis, influenciam diretamente na vida social destas pessoas, pois é aprendido a se preocupar com o próximo e isto cria naturalmente um modelo social que elas devem seguir, respeitar e admirar

As quadrilhas juninas são meios para a sociabilidade entre os seus participantes. Os envolvidos são em sua maioria pessoas jovens que estão no ambiente quadrilheiro também por herança familiar e por uma identificação para além da junina, ou as danças, ou o apego pela apresentação. As pessoas se envolvem com as interações sociais que a junina possibilita.

O ambiente quadrilheiro, acima de tudo, promove a socialização entre indivíduos que se dividem em subgrupos que, por sua vez, se identificam em questões como a sexualidade, cor da pele e pela busca de um bem comum.

Com dito ainda na introdução deste trabalho, dentro dos grupos de quadrilheiros existem minorias sociais, tais como as mulheres negras e pessoas LGBTQIA+. Nos grupos juninos, essas pessoas, historicamente marginalizadas pela sociedade, encontram no meio junino a voz e o apoio para a sua resistência no mundo. Compreendo que os grupos de quadrilha se tornam um espaço de identificação pessoal e, portanto, as juninas são uma forma de auxílio e refúgio para que as pessoas possam ter um respiro de sua rotina que é imbricada a tantas realidades impostas pelo mundo atual. Castro e Paiva (2021, p. 297) consideram que:

A quadrilha junina, assim, mais do que um mero contexto de diversão, parece constituir-se enquanto espaço vital de recriação/recreação do eu e de expressão corporal menos regulado, agregando experiências sociais permeadas pelas dissidências de gênero, sexuais, raciais ou de classe, que frequentemente são recusadas pelos regimes de subjetivação socialmente dominantes. Daí que a perda instantânea desses espaços de sociabilidade clementes seja sentida como um grande impacto.

O acolhimento desses grupos ocorre através da convivência diária com os demais membros pares nos ensaios e tantos outros encontros para discutir as apresentações e socializar enquanto grupo junino, considerando que os integrantes se vinculam a diversos setores dentro do grupo, como a composição do tema da performance, presidência e administração, elaboração e confecção do figurino, a parte teatral da apresentação, as composições musicais, a coreografia, o *staff* técnico e etc.

Para além da quadrilha, os integrantes acabam por se considerarem uma “família”, muitas das vezes com mais convivência e interação que a família de nascimento, fato comprovado em algumas andanças durante os festejos em que os participantes diziam ficar mais tempo com o grupo que os próprios familiares. Nesses grupos, essas pessoas além de socializar, se reúnem, se encontram, se abraçam, se acolhem. Ou seja, esses grupos se identificam como quadrilheiros a partir dessa união, que ocorre tanto pela sociabilidade de estar no meio junino quanto pelas relações que esse meio proporciona.

Com a pandemia, a falta de um festejo de São João presencial causou uma ruptura neste processo de troca dos quadrilheiros, pois a crise sanitária dificultou que eles encontrassem esses espaços de identificação e de apoio social, pela impossibilidade de compartilhar suas identidades com a intimidade que apenas os encontros presenciais promovem. Entretanto, permitiu aos quadrilheiros que reafirmassem essa identidade, justamente por meio da falta da festa.

As apresentações públicas permitem que esses grupos encontrem ainda mais estímulo de vida e força para que sigam nessa árdua continuidade à festa, sempre com mais esmero e primor a cada ano. É pelo reconhecimento do público que os grupos trabalharam duro todos os meses do ano, cada dia pensado em brilhar na apresentação, época em que deixam de ser pessoas comuns e passam a ser majestosos e admirados. Entende-se, a partir disso, que quadrilheiros se tornam figuras proeminentes por ocasião da interpretação de sua personagem na festa ou ritual e, por isso, se “transformam em símbolos da festa, da tradição e da identidade do grupo ou comunidade” (MENESES; RIBEIRO, 2015, p. 14). Assim, a performance destas personagens possui força narrativa, comunicativa e mobilizadora na realidade na qual estão imersos.

4.2 Quem são os quadrilheiros?

Em busca de respostas sobre o impacto da pandemia nos quadrilheiros de Palmas, procurei entrevistar, com questionário estruturado, um número equilibrado de participantes, que incluísse variados personagens e grupos de quadrilha da Capital. Todos os participantes, após concordarem em participar da pesquisa, responderam ao questionário do *Google Forms* com seus dados pessoais e perguntas a respeito do movimento junino.

Dentre os dados coletados estão nome, número de RG e órgão emissor, idade, raça/cor, gênero, profissão/ocupação, região que mora em Palmas, cidade e estado de nascimento, tempo

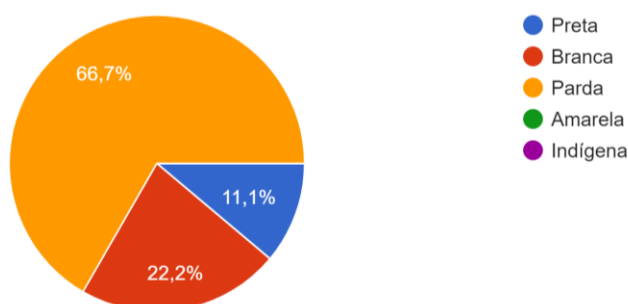
que reside na Capital, formação, função nas juninas, grupo que integra, há quanto tempo faz parte do movimento, dentre outras.

Além do questionário acima, os participantes foram entrevistados via WhatsApp com perguntas específicas sobre sua residência em Palmas e o movimento junino. Questiono o que a cidade de Palmas representa, o que o (a) faz palmense, o que o (a) faz ser um quadrilheiro(a), o que o (a) motiva, quem o (a) influenciou, como começou a se identificar como um quadrilheiro (a), como era ser quadrilheiro (a) antes da pandemia e como é ser agora, qual foi o impacto que a pandemia o (a) trouxe enquanto ativista cultural, como se reinventou para garantir a tradição das quadrilhas juninas e a expectativa do meio junino para os próximos anos.

Sobre faixa etária dos quadrilheiros, cinco dos entrevistados têm entre 20 e 29 anos (55,5% do total), um tem entre 30 e 39 anos (11,1%) e três têm entre 40 e 49 anos (33,3%). A respeito de raça e cor (conforme figura abaixo), seis (66,6%) se declararam pardos, dois (22,3%) se autoafirmaram brancos e um (11,1%) se definiu como preto. Considerando que o Estatuto da Igualdade Racial³⁴ define como “população negra” o conjunto de pessoas que se autodeclaram pretas e pardas, a maioria dos integrantes desta pesquisa, sete participantes (77,7%), são negros.

Figura 2 - Raça e cor

Raça/cor
9 respostas



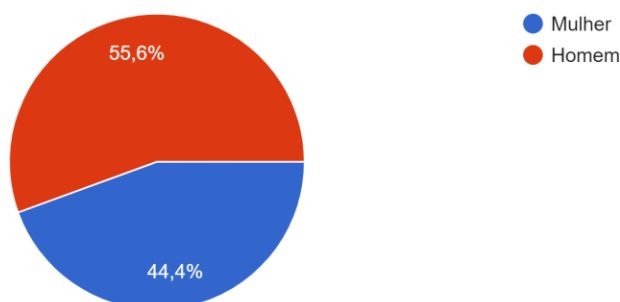
Fonte: Autoria própria/Google Forms

A respeito do gênero dos participantes deste estudo, cinco se identificam como homem (55,6%) e quatro se identificam como mulher (44,4%) (figura 02).

³⁴ LEI Nº 12.288, DE 20 DE JULHO DE 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/lei/12288.htm>. Acesso em: 10 ago. 2021.

Figura 3 – Gênero

Eu sou
9 respostas



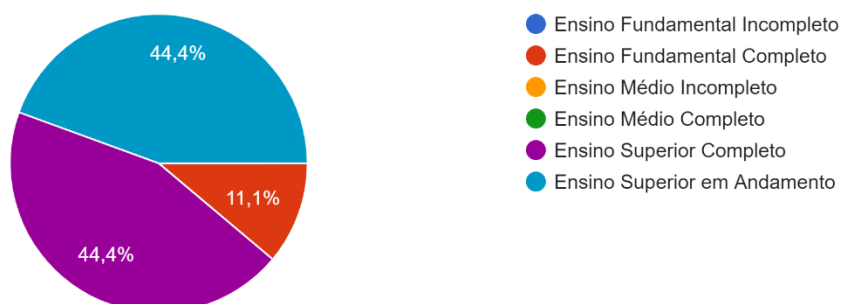
Fonte: Autoria própria/Google Forms

Quanto às ocupações e profissões, cinco pessoas estão em áreas relativas ao movimento junino e acumulam mais de uma ou duas ocupações. O restante, quatro pessoas, estão em áreas distintas ao setor. Sobre as áreas relativas, os entrevistados disseram que são: professor (a) de dança, modelista (costureira), diretor (e ainda ator e dançarino), ator (e também diretor e produtor cultural). De outras áreas, os outros quatro entrevistados afirmaram ser professor, recepcionista, secretária, microempreendedor e servidor (a) público estadual.

No que tange ao nível de escolaridade dos quadrilheiros, dos nove entrevistados, apenas uma pessoa (11,1%) tem ensino fundamental completo, escolaridade mínima encontrada nos entrevistados desta pesquisa. Ademais, quatro (44,4%) possuem ensino superior em andamento e quatro (44,4%) têm ensino superior completo.

Figura 4 - Formação

Formação
9 respostas



Fonte: Autoria própria/Google Forms

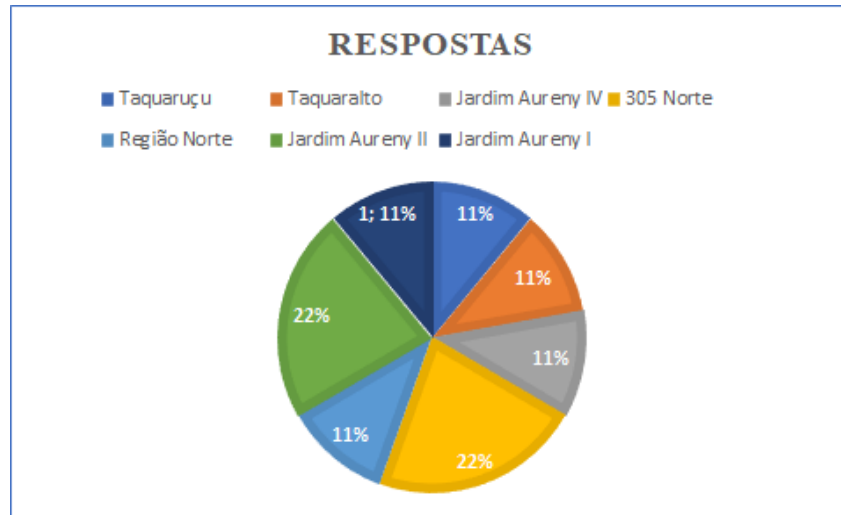
Quanto à formação, dos quatro que possuem ensino superior em andamento, duas pessoas cursam educação física, uma apicultura e a outra, administração. Já as outras quatro pessoas com ensino superior completo possuem formação em teatro, matemática, jornalismo e direito.

Sobre as funções dentro dos grupos juninos, além da costureira e dos dois presidentes, as outras oito pessoas acumulam outros papéis. De acordo com as respostas do questionário, a rainha também é coreógrafa, o rei já foi animador/marcador, a noiva também desenvolve trabalho na área do marketing da quadrilha a qual faz parte, o noivo é diretor-geral e marcador/animador, o marcador acumula as funções de direção e criação, o coreógrafo também ocupa a direção de coreografia. Salvo a presidente de uma das juninas que não faz parte das apresentações de quadrilha, os participantes atuam na construção das apresentações há pelo menos sete anos.

Conforme as respostas à pesquisa, duas pessoas fazem parte da quadrilha junina Cafundó do Brejo, e o restante, sete pessoas, fazem parte do Arrasta Pé do Liberdade, Explosão Amor Caipira, Coronéis da Sucupira, Luar da Serra, Pula Fogueira e Encanto Luar. Cada pessoa em uma, respectivamente.

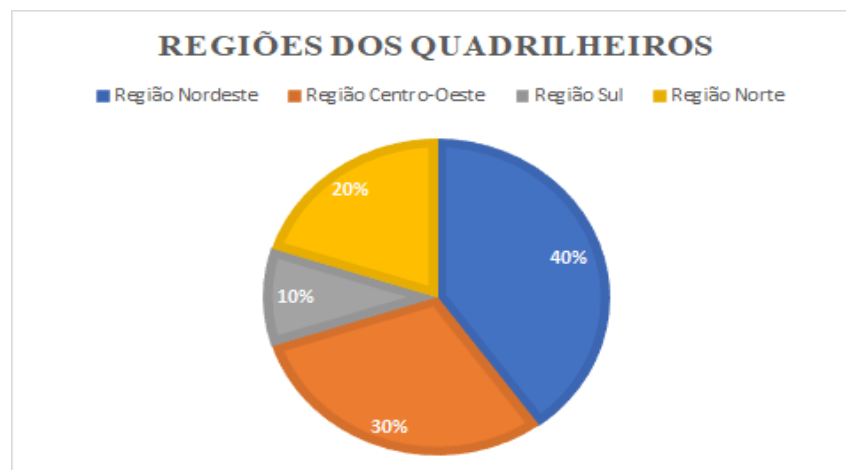
No que se refere a região em que os componentes desta pesquisa moram em Palmas, a pergunta foi aberta, tendo em vista a diversidade de quadras, setores e regiões que o município possui. No entanto, o questionário mostra que os quadrilheiros entrevistados nesta pesquisa se concentram na região sul e norte da Capital. Como exposto no gráfico abaixo, dos nove entrevistados, um mora no Distrito de Taquaruçu, um em Taquaralto, dois no Jardim Aurenny II, um no Jardim Aurenny I, dois na quadra 305 Norte (Arno 32) e um na Região Norte (não especificou a quadra ou bairro).

Este trabalho mostra que a maioria dos participantes (seis - 66,6%) são residentes da região Sul de Palmas, considerando que o Distrito de Taquaruçu, Taquaralto, Jardim Aurenny I, Jardim Aurenny II e Jardim Aurenny IV localizam-se na parte Sul da Capital e fora do Plano Diretor. Segundo Ferreira e Kran (2006, p. 131-132), a região concentra “a maior parcela da população de baixa renda” e onde predomina “as ocupações irregulares e as habitações precárias”. Os autores destacam que a região também possui a maior densidade demográfica do município, o que comprova a segregação territorial na cidade por extrato social.

Figura 5 - Em que região de Palmas você mora?

Fonte: Autoria própria/Excel.

Apesar de morarem em Palmas, a maioria não é natural da cidade. Dos nove quadrilheiros, apenas um nasceu no município e somente um é do interior do Tocantins. O restante, sete, vieram de outros estados. O integrante que veio do interior do estado é da cidade de Ponte Alta do Tocantins. As outras pessoas são das cidades de São Domingos do Maranhão (MA), Caxias do Maranhão (MA), Imperatriz (MA), Uruaçu (GO), Goiânia (GO), Barra do Garças (MT) e Cruzeiro do Oeste (PR). Ou seja, 33,3% (três) dos entrevistados são migrantes nordestinos, 33,3% (três) migraram da região Centro-Oeste, 11,1% (uma pessoa) é da região Sul e 22,2% é da região Norte. Com exceção do participante que mora em Palmas, todos residem na Capital há mais de sete anos.

Figura 6 - Regiões dos quadrilheiros

Fonte: Autoria própria/Excel.

Castro e Paiva (2021, p. 292) consideram que

para além da caracterização mais convencional de periferia relacionada a indicadores socioeconômicos e de localização espacial nos centros urbanos, esses sujeitos ocupam periferias de gênero e sexualidade, que são atravessadas por experiências subalternas de classe social.

Ao analisar os dados levantados, constata-se que os grupos de quadrilha são, em sua maioria, compostos por mulheres negras, moradoras da região Sul de Palmas, que cursam o ensino superior ou já possuem ensino superior completo. Sendo a maioria migrante nordestina ou de outros estados da região Norte. Também acumulam dupla função nos grupos que fazem parte. Isto é, as mulheres negras e periféricas são a base de sustentação da manifestação, de acordo com os dados. Para Castro e Paiva (2021, p. 293) “[...] tal constatação expõe mais um marcador social a ser levado em conta no exercício de tentar identificar esses sujeitos, denotando a necessidade de perceber essa expressão cultural a partir de uma lente interseccional”³⁵.

Ao citar Brah e Phoenix (2004) e Akotirene (2019), os autores (2021, p. 293) entendem a interseccionalidade como uma “[...] ferramenta indispensável para a compreensão das identidades, que não devem ser tomadas como universais, uma vez que os sujeitos são atravessados [...]”, para além do gênero, “[...] mas pela raça, classe e sexualidade, não estando esses marcadores isolados”, completam, sendo que essa leitura traz um debate importante para a percepção dos sujeitos entrelaçados “[...] por esses marcadores não como sobreposições de camadas, mas como produtores simultâneos de efeitos sobre os corpos e subjetividades dos indivíduos”.

4.3 O que é ser quadrilheiro?

É unânime que a presença do público faz com que os quadrilheiros sejam quem são em arena: brilhantes, animados, amistosos, felizes. A maioria das pessoas que responderam às perguntas sobre o que é ser quadrilheiro citaram a emoção de estar em quadra se apresentando,

³⁵ O termo interseccionalidade foi elaborado por Kimberlé Crenshaw (1989, 1991) para nomear e sistematizar a perspectiva teórico-metodológica de diversas ativistas e intelectuais negras que pensam as questões de raça, gênero, classe, sexualidade, dentre outras, como opressões de natureza interligada, que não operam de forma isolada, mas se sobrepõem e se combinam de forma a complexificar as estruturas de poder e subalternidade. Essas identidades atribuem significados e sentidos às falas dos sujeitos, revestindo-as de (des)legitimidade discursiva conforme o lugar que ocupam na teia da realidade social – uma teia permeada pelas posições políticas dos sujeitos, por suas visões de mundo e também pelos imaginários hegemônicos que naturalizam as construções sociais de preconceito, discriminação e hierarquização (CORRÊIA et al, 2018, p. 8).

o prazer de dançar, a felicidade que a manifestação cultural proporciona e ser reconhecido. Assim como a identidade descrita nos estudos de Cardoso de Oliveira (1976, p. 5 apud DEMARCHI, 2019, p.101), as festas juninas também são carregadas de “significações coletivas” que “provocam a experiências vividas no singular pelas pessoas”

E através dessas experiências particulares conformam-se laços de identificação entre a pessoa que ouve, sente e se identifica com a música, o criador e cantor da música e as outras pessoas que também se identificam com ela. Aqui se faz notar o caráter relacional do conceito de identidade: ao se identificar com determinada canção ou, em termos gerais, com um gênero da música popular, o indivíduo ou grupo afirma sua identidade “como meio de diferenciação em relação a alguma pessoa ou grupo com que se defrontam” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1976, p. 5 apud DEMARCHI, 2019, p. 101).

DaMatta (1994, p. 63 apud DEMARCHI 2019, p.101) complementa que a música “[...] revela um plano através do qual podemos (re)construir o mundo e, assim fazendo, ouvir, dialogar e, sobretudo, senti-lo e ‘enxergá-lo’ como algo concreto, repleto de sentido e intencionalidade”. No meio junino os movimentos se mostram como semelhantes a essas interações.

Como exemplificado na fala da noiva abaixo, que relatou que se vê motivada por sua família que a incentiva e o público que agradece por sua apresentação, a chama para tirar foto e elogia seu figurino e a performance mostrada na arena.

O que motiva e influencia foi minha família e eu acho que o amor, aquela gratidão de você dançar e o público amar e vim tirar foto contigo e falar que você tá linda, maravilhosa, que você dançou bem (Entrevista concedida em março de 2021).

A tradição familiar de brincar a junina é algo marcante entre os quadrilheiros. Alguns lembram como era fazer parte do São João quando ainda eram crianças, com amor, situação que perdurou até os dias atuais, como na fala do brincante a seguir.

Eu me entendo como quadrilheiro desde pequenino, sou neto de nordestinos, então tem essa influência também. Isso é o que me qualifica e o que faz com que eu me identifique como quadrilheiro (Entrevista concedida em março de 2021).

As perguntas “o que faz você ser um quadrilheiro (a)” e “como começou a se identificar como quadrilheiro (a)” tiveram respostas semelhantes, tendo em vista que a segunda pergunta foi uma forma encontrada de reforçar a primeira, para que eu pudesse ter acesso a uma narrativa mais densa a ser analisada. As narrativas mostram que ser quadrilheiro significa treino, paciência, amor e sobretudo, luta. Se apresentar ou mesmo fazer parte de um grupo em outras

ocupações, para eles, significa algo característica ao ser. Algo subjetivo e bom, nada tácito. Exige fazer parte para compreender o sentimento, mas exponho aqui um trecho que define um pouco desse afeto e cuidado pelo movimento cultural.

Eu já nasci com o São João, a festa junina nas veias. Desde os oito anos de idade eu trabalho com quadrilha junina na escola. Aos doze anos eu já era marcador de quadrilha infantil. Então, eu tenho sangue nas veias de quadrilheiro. E vir pra Palmas, me oportunizou ter a minha quadrilha, começar uma cultura, que até então, na época, não tinha. Esse amor que eu tenho é que me faz ser quadrilheiro, porque já vem de dentro de mim, né? Hoje eu tô com quarenta e sete anos, trinta e nove de movimento junino, então é muito tempo. Então todo este amor que eu tenho pelas pessoas, pelas festas juninas, né? Isso me faz ser um quadrilheiro, sabe? Eu gosto de tá no meio dessas pessoas, eu gosto da cultura, eu gosto de fazer essas pessoas felizes, alegres, é isso.

[...]

O que me faz ser quadrilheiro é o amor. Quadrilheira é a pessoa que gosta do movimento junino, luta por ele, defende ele, e é o que eu sinto, eu amo, amo festa junina, quadrilha. É isso que me faz ser um quadrilheiro.

[...]

Comecei a me identificar como quadrilheiro, assim, desde pequeno, porque tem a questão da dança, da atuação, da música, da interpretação. Então, eu acho que dançar quadrilha me ajudou também hoje, eu acho não, tenho certeza, me ajudou a ser o profissional que eu sou, porque eu consegui me descobrir nas quadrilhas, porque a quadrilha é praticamente um musical. Tem a interpretação, tem a dança, tem o teatro, tem a música. Então é muito musical, sabe? Muito teatro musical. Tem toda uma história, todo um contexto, todo ano muda a história, todo ano é um figurino novo, todo ano é uma temática que temos que entrar na quadra e desenvolver, né? Tem todo um processo seis meses antes de entrar na quadra mal termina, a gente já começa a pensar na nova temática, como que vai ser, como que vamos desenvolver, como vamos levar esse projeto pra quadra, né? Pra, para as arenas, quadrilha pros arraiais. É sempre é muito bom, sabe? Tá estudando, aquele tesão de você descobrir algo novo, de reinventar, de inovar. Então, eu gosto muito disso, desses desafios, sabe? Onde eu posso ser desafiado a arriscar e a contribuir, sabe? A inovar no meio junino (Entrevista concedida em março de 2021).

Sobre a motivação e influência, alguns citam a família, os amigos e a si mesmos, o amor pela quadrilha e o São João. Esse amor faz parte da identidade do quadrilheiro, que se sente pertencente ao grupo que faz parte e, com isso, acolhido pelo público. Amar é se identificar. E esse amor preenche o mundo pessoal e o mundo público dos quadrilheiros. Hall (2014, p. 2) explica que

[...] o fato de que projetamos a "nós próprios" nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os "parte de nós", contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural.

A motivação do público é uníssona, conseguir tocar o coração das pessoas ao passar a mensagem das apresentações é a força motriz que os fazem continuar todos os anos.

O amor que eu tenho pela dança em si. O amor que eu aprendi a ter por quadrilha junina, por São João.

[...]

O que me motiva e o que me influenciou a ser quadrilheiro, né? Na verdade, o que me motivou é o amor que eu tenho pela cultura, né? Pela dança, pela arte, isso é o que me motiva.

[...]

O que me motiva é a emoção, a emoção desse evento que é tão grande que a gente começa a se preparar no início do ano pra dançar praticamente no meio do ano. A emoção de estar em quadra, de estar representando a minha quadrilha, de estar fazendo algo que me faz bem, que me deixa feliz.

[...]

O que me faz ser um quadrilheiro é o prazer de dançar, a dança em si, a prática dessa dança. E o que me motiva é o público, o público motiva. Dançar pra alguma pessoa, conseguir tocar uma pessoa, o coração de uma pessoa... conseguir transmitir aquilo que eu tô tentando passar dentro do tablado pra alguma pessoa, pode ser até uma pessoa, pode ser cinquenta, pode ser cem, mas o que importa é eu estar passando a mensagem que eu pretendo passar (Entrevista concedida em março de 2021).

Sobre a presença do público, dois dos brincantes afirmam

O que me motiva é as pessoas. A gente dança em vários lugares e a gente conhece pessoas diferentes. Tu tem uma emoção diferente e é uma energia tão boa que vem do público e isso me motiva mais ainda a ter vontade de dançar quadrilha.

[...]

porque o que a gente quer, dançando quadrilha, é mostrar pro público, ver o que o público tá achando do nosso espetáculo, que é o que importa realmente, pelo menos pra mim, o que importa é a resposta do público.

[...]

A quadra tem um público, tem aquela coisa de passar, sabe? Aquela energia para as pessoas que estão assistindo. Já na pandemia, cê tem que passar pra câmera, então tem que ser tudo um trabalho em dobro, porque é só uma câmera ali na sua frente e você tem que passar aquela verdade, aquela emoção e muita das vezes nem todas as danças conseguimos, sabe? Passar essa verdade, mas isso é o que dificulta, é esse calor, sabe? A falta que eu sinto é o calor mesmo do quadrilheiro (Entrevista concedida em março de 2021).

No entanto, assistir a apresentações também faz com que esse impulso aconteça. Caso da rainha, que conta que se sentiu influenciada e motivada quando viu uma competição de rainhas pela primeira vez. “Me identifiquei assim que eu vi a rainha de salto, glamurosa, bonita e aquela galera gritando por ela. Aquilo me chamou muita atenção e senti vontade de fazer”, comentou. Um caso interessante foi o do coreógrafo, que por ser do interior do estado, não via um movimento junino tão forte e não teve estímulo para começar. No entanto, ao se mudar para a Capital e ir morar, sem saber, em frente à casa de um presidente de grupo de quadrilha, se viu fazendo parte de um.

Eu tive pouca influência, vindo do interior do estado, só que aqui eu fui mudar logo pra frente da casa do presidente (Entrevista concedida em março de 2020).

A paixão e o amor pelas juninas e por representar o grupo também fazem parte da motivação. A presidente de um grupo relatou que o que mais a motiva a continuar todos os anos é ver o rosto dos brincantes. “No final de tudo, a felicidade deles na primeira dança, quando apresenta o espetáculo completo acho que é o que motiva a nunca parar. Não tem preço”, disse, em entrevista.

Observo que os quadrilheiros são em geral pessoas jovens, que possuem herança da cultura nordestina, são influenciados por sua família e amigos, tem os grupos de quadrilha como um refúgio das dores da contemporaneidade, tem amor pela tradição junina, são inspirados por outros brincantes, adoram ser prestigiados pelo público, são ousados, amam dar o melhor de si em cada apresentação e receber o reconhecimento devido de quem os acompanha.

4.4 Palmas enquanto espaço representativo

Para compreender melhor o que representa a junina na vida dos quadrilheiros e como o cenário de Palmas afeta a importância da relação dos quadrilheiros com a festa questionei aos participantes do evento a relação que possuíam com a cidade, com a ideia de compreender se haveria alguma ligação entre sua escolha de viver em Palmas e a festividade.

Sabe-se que lugar é espaço afetivo. Tuan (1983, p. 184) afirma que “[...] muitos lugares, altamente significantes para certos indivíduos e grupos, tem pouca notoriedade visual. São conhecidos emocionalmente, e não através de olho crítico ou da mente.” Essa ideia corrobora que lugar é um espaço de formação de afetividade, de memória afetiva conforme a visão de quem constrói e transforma esse determinado lugar. Ou seja, essa relação afetiva com o espaço auxilia no fortalecimento da identidade do indivíduo.

Quando questionadas sobre o que a cidade representa e o que as faz palmenses, cinco pessoas relatam que aprenderam a amar a cidade por conta do acolhimento e oportunidades de desenvolvimento pessoal que tiveram, sendo que duas pessoas citaram que a natureza presente na Capital as faz amá-la, como descrito por um participante abaixo.

Palmas representa o amor. Foi nessa cidade que construí minha história como pessoa, como ser humano, como profissional e isso tudo me faz amar essa cidade, as pessoas. Me faz sentir amor por essa cidade, o ar, a temperatura, o calor do mês de agosto, do mês de setembro, ou quando chove bastante, quando dá aquela ‘esfriadinha’.

[...]

A cidade de Palmas pra mim é o meu lar né, eu aprendi a amar essa cidade. Não sou de Palmas, sou de Goiás, mas eu aprendi a amar essa cidade com toda a beleza que há nela, com toda amizade que fizemos, com tudo o que eu aprendi, com tudo o que eu virei, foi aqui em Palmas.

[...]

O que a cidade de Palmas representa pra mim? Tudo. A resposta certa seria isso. Mas o que me faz ser palmense é a persistência, é o lugar que a gente vive aqui, é muito tranquilo, é saudável. Me sinto confiante, eu me sinto bem em morar aqui.

[...]

Morei muito tempo em chácaras, garimpos, com barracos improvisados. Surgiu a necessidade de um lugar tranquilo para eu morar e criar meus filhos, proporcionando-lhes uma educação de qualidade. Orei, falei com Deus, e consegui, junto com meu esposo, comprar uma casa em Palmas. Palmas representa meu lar, minha casa, o lugar que Deus me direcionou para morar. O que me faz palmense é o amor e carinho que tenho por esse lugar mais do que por qualquer outro (Entrevista concedida em março de 2021).

Outras duas pessoas relatam a valorização cultural, sendo que uma delas reforçou que a cidade trouxe chances de crescer culturalmente e ser reconhecida no meio artístico de acordo com o progresso que a cidade possa ter na área.

Palmas é uma cidade de crescimento, de desenvolvimento, de valorização cultural... no cuidado, sabe? E também do desenvolvimento que há cada mês, a cada ano que se passa, é uma novidade (Entrevista concedida em março de 2021).

Apenas uma pessoa afirmou que, apesar de achar a cidade organizada e bonita, a população local é repleta de preconceitos contra pessoas LGBTQIA+, pobres e negros.

Tem muitas pessoas que tem preconceito, preconceito... Eu moro em Taquaralto. Tem muitas pessoas que moram no centro e não gostam daqui. Tem um pouco de preconceito com Taquaralto, entendeu? [...] Tem muitas pessoas que têm preconceito com pessoas que são gays. Tem muita pessoa que tem preconceito com a pessoa que é negra. Tem muita pessoa que tem pessoas que tem assim aquele ranço com a pessoa é um pouco mais pobre [...] (Entrevista concedida em março de 2021).

As entrevistas mostraram que esse sentimento está intrinsecamente ligado à vontade de que a cidade evolua ainda mais e também ao prazer de habitar.

4.5 Tempo de festa e tempo de esperança

Como descrito anteriormente, os grupos juninos foram impedidos por decreto de terem apresentações com muitos integrantes e com público. Fator esse que fez com que as apresentações ocorressem por casais destaques (casal de noivos, casal de reis e casal cangaço) por transmissões ao vivo na internet, sem público para assistir ao vivo. Destaco que essa situação, vista novamente na pesquisa, trouxe prejuízo social, pois a socialização é inerente ao quadrilheiro, como exposto nas falas abaixo, que explicam o que era ser quadrilheiro antes da pandemia.

Antes da pandemia a gente tinha todo um contato com o pessoal todo do grupo, a gente tinha energia da galera dentro dos ensaios, durante as apresentações, energia do público batendo palma, gritando, pulando. Agora não, agora estamos na situação em que o São João está bem diferente. Apresentações *on-line*, uma situação em que você não sente toda aquela força que a galera passa pra você, é muito diferente.

[...]

Como era ser quadrilheiro antes da pandemia? Ai, meu Deus. Era uma loucura, porque ser quadrilheiro não é uma coisa fácil. Muita gente acha que ser quadrilheiro...vou falar uma palavra forte que todo mundo usa, tu és quadrilheiro, então é vagabundo, não faz nada. Não. É muito diferente do que todo mundo acha. (Pra) ser quadrilheiro, tu tens que ser uma pessoa que é responsável, inteligente, tu tem que ter maturidade para as coisa, tu tem que ter conhecimento do mundo, da vida, e de tudo. Porque ser quadrilheiro, você tem que estudar as coisas, tem que estudar.

[...]

E dançar sem a torcida, dançar sem aquele povo todo, e não poder juntar com todo mundo, com esse mais de cento e vinte pessoas, não poder rever as pessoas, sair do ensaio, ir pra algum lugar comer um lanche, ir pra algum lugar, tomar um refrigerante, ir pra algum lugar, fofocar, falar um monte de coisa, lembrar o ensaio. É triste, muito triste (Entrevista concedida em março de 2021).

A falta de contato com os integrantes dos grupos deixou uma lacuna que até atualmente os quadrilheiros não sabem se vai ser suprida. Essa situação foi exposta por praticamente todos os entrevistados para esta pesquisa. Muitos relataram sentir falta dos ensaios e da correria que era o processo de montar uma apresentação junina. Além disso, todos afirmaram ter uma relação de amizade e companheirismo muito forte com os demais integrantes dos grupos. O amor pelo movimento novamente é evidenciado, demonstrando como a falta das festividades presenciais acaba por reforçar ainda mais a identidade de ser quadrilheiro

Os quadrilheiros acharam outras maneiras para se relacionar.

Era muito bom porque era ensaio todo final de semana, era diversão, era ver a gente que você tava querendo ver, conversar. Agora tá um pouco complicado, a gente conversa dentro do grupo do WhatsApp, mas não é com aquela intensidade dos ensaios, porque pessoalmente é mais prazeroso conversar. A quadrilha em si vai perdendo a força com a pandemia.

[...]

Ser quadrilheiro antes da pandemia era encontro, era abraço, eram sorrisos, era o suor. Era alegria, diversão, discussões também, claro. Afinal, quando a gente está no meio de um processo criativo com muita gente criando também ocorrem os desentendimentos com relação aos conceitos, enfim. Isso tudo é ser quadrilheiro antes da pandemia. A pandemia fez com que a gente se distanciasse muito uns dos outros. E assim como qualquer outra arte performática quem é quadrilheiro necessita do público, necessita ser visto, necessita sentir no olho do público o brilho. Perceber o brilho no olho do público, assim como também ver aquele sorriso quando acham alguma coisa engraçada ou encantamento pelo sincronismo da dança e pela criação completa daquela temática junina (Entrevista concedida em março de 2021).

Conforme os entrevistados, ser quadrilheiro antes da pandemia era interação social, calor humano, contatos esses que foram cortados bruscamente pelo risco de contágio pelo novo coronavírus. A falta do estar junto ocasionou uma grande perda para os manifestantes, situação

comprovada por todos. Ser quadrilheiro agora é viver de incertezas, pois não há previsão para que as apresentações presenciais retornem, o que traz grande nostalgia dos brincantes e até medo, mas nunca sem perder a esperança de que tudo voltará a ser como antes e ainda melhor, como confirmado por um dos entrevistados, que “[...] ser quadrilheiro agora é pensar fora do que seria a caixa da cultura popular junina. Afinal a gente precisa continuar, dar continuidade a tradição mesmo com as dificuldades dos encontros e reencontros”.

Essa passagem mostra a identidade de quadrilheiro em processo. É disso que se trata quando os autores trabalhados no primeiro tópico deste capítulo falam que a identidade está em permanente construção. Os desafios contemporâneos vão desafiando os atores a enfrentá-los e ao mesmo tempo continuar com as tradições.

4.6 Impacto da pandemia, ressignificação e ânsia de dias melhores

A pandemia trouxe grande impacto para a vida dos quadrilheiros, não só no campo social, como descrito acima. Outro impacto notado pela narrativa dos participantes da pesquisa foi o impacto financeiro, tendo em vista que alguns quadrilheiros dependem financeiramente destes festivais para sobreviverem. As entrevistas evidenciaram que quem tinha outra profissão conseguiu se manter. No entanto, quem não tinha, passou por dificuldades, como descrito a seguir.

No ano passado eu comecei a fazer os figurinos para um grupo, logo começou os rumores de pandemia e o trabalho foi interrompido. Foi um gasto de tempo e esforço desperdiçado. Trabalhei, me empenhei e não teve quadrilha. No final, fiquei no prejuízo.

[...]

O impacto na minha vida durante a pandemia foi muito grande. Vivo da arte, vivo da cultura, sou professora de dança, balé, jazz e dança de salão. Foi um ano bem complicado, foi um ano que eu passei bem apertada mesmo, a renda diminuiu muito, sobrevivi com muita pouca renda.

[...]

Para mim não houve prejuízos porque trabalho com outras coisas. Eu tenho muitos amigos que vivem da cultura. Eu tenho muitos amigos que vivem da música que teve aquele baque com a pandemia, pois como é que você vai reunir algum um monte de pessoa pra ver uma pessoa cantando? Você não vai cantar. Ninguém contrata uma pessoa pra cantar pra três pessoas, três, cinco. Ninguém vai fazer um teatro para três, duas pessoas (Entrevista concedida em março de 2021).

A saúde mental dos quadrilheiros também foi prejudicada, conforme as narrativas dos participantes da pesquisa. Um deles afirmou que dói muito quando se lembra que não vai poder dançar com todo mundo por conta da pandemia e que muitos ficam em depressão. A incerteza de que o movimento da forma presencial trouxe muitas angústias.

Às vezes aquele ali é um lugar para as pessoas se expressarem, fazer amizade, talvez uma pessoa tá até doente, ela vai pra junina, ela conversa, ela tem amigos ali, tem muitas pessoas que já se casaram, já conheceram o seu companheiro, a sua companheira, através do movimento junino. Então, o movimento é rico. Eu sempre falo que o movimento junino é um movimento muito rico no estado do Tocantins. Não pode acabar assim (Entrevista concedida em março de 2021).

Além disso, outra questão evidenciada foi a redução de participantes na construção do espetáculo, não só pela questão da apresentação em si, mas pela falta de proximidade física com os demais brincantes.

[...] poucas pessoas participaram da construção do espetáculo. Então, hoje a pandemia tá sendo muito ruim, não poder tá junto, poder tá próximo das pessoas, poder tá trabalhando, sabe? Isso é ruim.

Um dos entrevistados relatou que a pandemia, trouxe tristeza, pois “[...] são muitos anos trabalhando com isso. São muitos anos levando alegria e entretenimento para o público que ama as quadrilhas juninas”, afirmou. Outra situação relatada foi a quebra de aderência dos participantes aos grupos juninos, devido à desistência dos integrantes da manifestação cultural.

Eu creio que não tendo São João esse ano vai ser muito difícil 2022 as quadrilhas voltarem. porque o impacto financeiro é grande, você recebe uma verba da prefeitura né, recebe uma verba para fazer seu espetáculo, então assim dois anos parados até pra voltar pra juntar o grupo de novo vai ser bem complicado então o impacto a nível cultural assim falando de voltar a reunir o grupo.

[...]

Eu creio que algumas quadrilhas nem vão conseguir, vai ser o fim mesmo de algumas quadrilhas (Entrevista concedida em março de 2021).

No que se refere às apresentações, um quadrilheiro comentou ao responder sobre impacto que a pandemia trouxe, que sofreu ao se apresentar para as câmeras durante a *live* ao invés do público em quadra, situação completamente oposta ao que estava acostumado. Segundo ele, isso prejudicou seu desempenho na apresentação. Ele trouxe a transição do que é se apresentar em uma arena e em uma *live*, que antes da pandemia até 40 casais se apresentavam com uma energia contagiante, situação que, de acordo com ele, se quebrou com a apresentação *on-line* apenas dos casais destaques.

A principal diferença foi a redução drástica de casais, ficando só os destaques como casal de reis, noivos e a invenção do casal cangaço. A energia dos grupos que tinham mais de 80 pessoas se esvaiu. A falta de público, mesmo *on-line*, prejudicou as apresentações. Faltou emoção. Muitos quadrilheiros desistiram de continuar.

[...]

Ser agora é muito complicado, porque você não trabalha presencial, a gente tinha o quê? Antes, a gente tinha praticamente cinquenta e cinco casais, era muita gente em quadra, era muita gente, cento e dez pessoas em quadra e fora as pessoas que dançavam sem parceiro, era mais de cento e vinte pessoas dançando, o tempo todo ali, ó. E hoje você não tem nada daquilo, tipo a gente dançou agora a *live* da Arraiá da Capital do Estadual, só nós. Só os individuais, que são os destaques, casal de noivos, casal de reis, rainha e cangaço. (Entrevista concedida em março de 2021)

No entanto, com todas essas dificuldades, os quadrilheiros comemoraram poder se apresentar a um público restrito e poder refazer a festa.

A questão de ter feito o Arraiá foi muito bom, porque mostra que as quadrilhas não estão mortas, que tem sim quadrilha lutando pra que aconteça o Arraiá. Para que a pandemia não pare um movimento tão gracioso que é o movimento junino de Palmas (Entrevista concedida em março de 2021).

Segundo o dicionário Priberam, reinventar é tornar a inventar, mudar a maneira como algo ou alguém funciona ou se comporta. Já ressignificar é dar outro significado a algo. Conforme as entrevistas, a reinvenção foi algo fundamental para continuar a tradição junina, mesmo que de forma ressignificada. A ressignificação se torna óbvia, tendo em consideração que a festa não pode ser mais a mesma durante a pandemia. Para Meneses e Ribeiro (2015, p. 4)

É inerente à cultura, especialmente à cultura popular, certa capacidade de se reinventar, que revela a criatividade e a invenção dos indivíduos a fim de criar espaços e condições de se expressarem. [...] No cotidiano a cultura absorve outras, se adapta, se ressignifica e se difunde. De qualquer forma que seja abordada, no entanto, a cultura identifica o indivíduo como parte de um grupo social influencia na forma como a própria pessoa se vê e se comporta particularmente ou em comunidade e nem sempre está em conflito com o considerado hegemônico.

Ao serem questionados sobre o que fizeram para reinventar a quadrilha, todos os quadrilheiros citaram a reinvenção por meio *on-line*. Todos ressaltaram que os grupos precisavam estar em cena na internet. Pessoas com ocupações de liderança tiveram que produzir *lives*, enquetes e quizzes em redes sociais como o Instagram e Facebook.

Através da internet. Por meio do ativismo nas redes sociais e com *lives*. Também fizemos ensaios de uma pessoa só em lugares fechados. A gente tentou não deixar a chama do São João se apagar, com muitas ações voltadas pra cultura de forma geral. Criamos gincanas dentro do grupo, para as pessoas saberem um pouco da história da quadrilha, com muito quiz, com perguntas.

[...]

A gente já fez uma gincana dentro do nosso próprio grupo, já fez uma gincana, a gente já colocava enquete no Instagram para pessoas de fora responder essas coisas assim.

[...]

A gente teve que reinventar, fazer enquetes, fazer gincanas, tudo pela internet, o bate-papo, *live*, conversas, dúvidas, de como tava [o movimento junino] no estado. Eu vivo e respiro juntamente com a minha equipe, que é o que sempre está se reinventando,

pensando em algo novo. Então a rede social foi fundamental. Que é até hoje. E sempre vai ser.

[...]

Tivemos que reinventar muito, até por esse fato que eu falei de perder dançarinos, tivemos que colocar *live*, fazer feijoada, fazer uma movimentação, fazer rifa, das pessoas tá ali porque acaba se tornando, você fica mais de oito meses envolvido com aquelas pessoas, montando cenário, montando figurino, montando coreografia.

[...]

Nós tivemos que nos reinventar em forma de *live*, que era o único jeito possível viável e visando a saúde de todo mundo né. Pra mim foi uma experiência boa, foi uma experiência diferente, nada parecido com o São João que estamos acostumados, mas foi uma experiência boa. Se tivesse esse ano novamente nesse formato eu preferia que acontecesse assim do que não acontecer. Até mesmo porque a gente precisa mesmo de algumas alegrias pra enfrentar esse momento tão difícil que a gente tá passando e o São João pra gente é isso né. Pelo menos assim falando por mim, financeiramente eu não sobrevivo de São João, pelo contrário, às vezes a gente coloca dinheiro nosso pra finalizar espetáculo, pra terminar tudo o que a gente quer fazer pela quadrilha (Entrevista concedida em março de 2021).

Além da presença *on-line* do grupo para reinventar a manifestação cultural, os participantes citaram precisar a elaboração de atividades de interação social *on-line* entre os integrantes das quadrilhas, com o objetivo de agregar componentes e não perdê-los por conta da paralisação dos ensaios e as relações sociais trazidas por esses encontros pessoais.

A gente tenta fazer algumas atividades dentro das redes sociais, pra não sair de casa, algumas gincanas, algumas dinâmicas, dentro do nosso grupo para a gente não perder componente, e sim agregar componente. A gente tenta fazer *lives*, a gente tenta criar dinâmicas pra conversar, pra interagir com pessoas fora do nosso grupo, pelo Instagram, pelo Facebook, pelo WhatsApp (Entrevista concedida em março de 2021).

Citaram a possibilidade que tiveram de se apresentar mesmo *on-line* e com a participação de casais destaques com o apoio da Fundação Cultural de Palmas. Os grupos tiveram que refazer temáticas, adaptar coreografias para o cenário *on-line* e montar um espetáculo reduzido para um grupo pequeno de participantes, pensando no bem estar das pessoas visto à pandemia. Um integrante de um dos grupos das juninas participantes descreve que “[...] foram pequenos espetáculos para que a gente pudesse ter a menor quantidade de pessoas envolvidas e com todos os cuidados para que a gente não contribuísse com a disseminação desse mal que está assolando a humanidade”.

Um dos participantes analisou que as apresentações *on-line* contribuíram para manter o “sentimento do São João”, vivo e também fazer com que os participantes não desanimassem e tivessem “esperança e fé” que o quanto antes estarão se apresentando em quadra com a animação do público novamente.

A maioria dos participantes está otimista com um retorno breve do São João. Sabe-se que isso implica bastante proatividade dos governos federal, estadual e municipal para que a

população esteja completamente imunizada contra a Covid-19 e, claro, as vacinas disponíveis sejam úteis às novas variantes contra a doença que tem surgido nos últimos meses. Apesar disso, os integrantes anseiam por uma volta próxima e já citam o ano de 2022.

tenho muita esperança e muita fé que em 2022 a gente tenha o São João do jeito que a gente gosta. Um São João quente, um São João de abraços, um São João de energia, de gritos e de palmas. Com fé em Deus 2022 e 2023 vão ser "São Joões" presenciais. [...]

eu já espero que em 2022 já esteja tudo normalizado. A quantidade de vacinas em 2022, de pessoas vacinadas, já vai ser muito alta, é o que esperamos. E espero que apesar de que a vacina aplicada no Brasil seja pra não agravar né, nos sintomas, mas eu creio que já vai ser mais uma tranquilidade. E os estudos continuam né para serem feitas novas vacinas, e eu espero que exista uma imunizadora mesmo contra o vírus.

Apesar de aguardar um retorno próximo, uma parte dos entrevistados anseia que o retorno seja quando as pessoas estiverem todas imunizadas e reforçam a necessidade de se ter, primeiramente, saúde para que consigam dar continuidade a festividade junina, fato que prova que a pandemia reacendeu ainda mais a chama da identidade de quadrilheiro.

Minhas expectativas para os próximos anos é quando todos forem vacinados, né? Primeiramente. Pra que todos tenham saúde para conseguir com aqueles grupos juninos que dava um show em arena, que deixava pessoas com os olhos brilhando. Com cada espetáculo lindo. E que vai ser tudo bom. Que quando voltarmos, vai ser todo mundo com sangue nos olhos, porque tá todo mundo querendo voltar a dançar, só que não volta, por causa da pandemia. E quando voltar vai ser com muita força, muita garra para que seja e faça um espetáculo bonito.

[...]

Todo quadrilheiro tem a cabeça boa. Então, todo quadrilheiro sabe o que fazer e o que não deve fazer. Então, a cabeça é boa para poder inventar. A gente nunca não tem nada pra fazer, sempre tá reinventando. Com as temáticas, com dança, roupa e igual disse, a rede social foi fundamental. Ela tá sendo bem mais vista agora. Então, a gente não deixou a tradição se perder porque não tivemos Arraiá presencial (Entrevista concedida em março de 2021)

Outro anseio dos quadrilheiros é que as manifestações voltem logo para que continuem, além de ser um momento de lazer para os brincantes e espectadores, uma fonte de renda para quem depende da festa. Outra situação citada é o retorno do estímulo positivo para a saúde mental.

A expectativa pros anos seguintes é que tudo isso passe logo. Porque tem muitas pessoas dependendo disso, gera muito emprego tanto pra costureira, tanto pra diretores, preparadores corporais, pra temáticas, escritores. Além disso, é uma distração para as pessoas que possuem sofrimento mental (Entrevista concedida em março de 2021).

Os participantes também temem que alguns grupos de quadrilha possam acabar, após um ou dois anos sem realizar nenhuma atividade com todos os participantes juntos. “Eu tenho

medo que isso acabe em alguns grupos. Sabe? Ao mesmo tempo eu imagino que vai voltar com força total, porque as pessoas estão com saudade de fazer aquilo, de participar”, afirma o manifestante.

Uma conjuntura prevista por um dos integrantes dos grupos é a possibilidade da continuidade das festas juninas *on-line* nos próximos anos. Ele comenta que será possível levar entretenimento para as pessoas através da internet, no entanto, não anula outras possibilidades e espera que nos próximos anos o Arraiá seja presencial com “calor do brincante, com calor do público, com alegria, com o colorido do balão, das bandeirinhas e sorrisos”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Por isso mesmo
É que existe a vacina
Foi um socorro
Que a ciência descobriu*

*Tenha cuidado,
Não caia na tentação
Não se brinca com Covid,
Se vacine, meu povão*

*Só vou no seu forró
Se tiver vacinada
Só vou te ver de perto
Se for vacinada*

*Quero ver minha gente
Toda vacinada
Nesse momento,
Sem vacina, não tem nada*

(Xote da vacina, por Margareth Menezes e Del Feliz)

Este trabalho buscou entender qual foi o impacto da pandemia do novo coronavírus nos quadrilheiros do Arraiá da Capital, manifestação cultural que acompanha a história de Palmas - TO. Além disso, buscou compreender o que tange a identidade desses brincantes enquanto atores culturais da festa local.

Através do emprego de métodos da etnografia, a pesquisa foi desenvolvida a partir da observação participante da autora do trabalho que pode acompanhar o festejo junino em 2019, enquanto membro do Coletivo 50 Graus o grupo de pesquisa CID - Comunicação, Imagem e Diversidade Cultural e em 2020, época em que foi convidada para ser jurada dos grupos de quadrilha do Arraiá da Capital realizado, pela intempérie de saúde, de maneira virtual. Nas ocasiões, as festas foram fotografadas e com as fotos foi feito um registro visual para compor a pesquisa, com o intuito de mostrar as nuances entre os dois tempos.

Para esta pesquisa, dez personagens de diversos grupos de quadrilha foram entrevistados e puderam responder questionários, de maneira *on-line*, em observância ao distanciamento social imposto pela pandemia da Covid-19. Eu, como autora deste trabalho, considerei um número equilibrado entre homens e mulheres, bem como a diversidade de locais em que esses atores moram na Capital. As entrevistas, após serem transcritas, foram analisadas e cruzadas

com o desencadeamento de mudança da festa ocasionada pela impossibilidade de um evento com público.

Sobre o objetivo de entender os impactos trazidos pela pandemia do novo coronavírus aos quadrilheiros da Capital foi notório que em virtude da pandemia, o Arraiá da Capital não aconteceu nos mesmos moldes em que ocorria tradicionalmente. No entanto, aconteceu de forma *on-line* a partir do movimento dos grupos de quadrilheiros junto à Fundação Cultural de Palmas (FCP) para que a festa tivesse continuidade. Enquanto pelo menos 80 pessoas por grupo podiam se apresentar anteriormente, durante a pandemia e após um movimento que a festa continuasse mesmo que *on-line*, apenas casais temáticos (reis, noivos e cangaço) puderam se apresentar, bem como a rainha da festa. No entanto, mesmo com o novo formato, as apresentações não perderam a maestria que é tradicional no meio junino da Capital.

Na busca de identificar de que forma a manifestação cultural se manteve e debater o futuro dela, de acordo com a visão dos participantes e entender a identidade desses quadrilheiros enquanto participantes do movimento junino, nota-se que outra falta sentida foi a do público: o público da festa ficou sendo apenas quem estava por trás das câmeras transmitindo as *lives*, diferente de outros anos, em que esses quadrilheiros eram assistidos por milhares de pessoas. Essa falta de encontros presenciais para ensaio e convívio se provaram de grande impacto cultural e social na vida dos participantes dos grupos de quadrilhas, devido a impossibilidade de contato e apoio que só ocorrem dentro dos ambientes de ensaio e de planejamento das quadrilhas. Impossibilitados do contato, os participantes perderam também a chance de celebrar e compartilhar suas identidades e experiências, assim como foram também impossibilitados de viver um momento que lhes traz prazer e alegria, uma válvula de escape da rotina sofrida.

Durante todos os meses do ano os quadrilheiros ensaiam, trabalham arduamente para compor seus figurinos, para criar suas coreografias e encarnar os personagens que tanto amam, na busca de reconhecimento e admiração, do público, da família e de seus pares, passando assim a serem momentaneamente avatares da festividade, da tradição, dos grupos que fazem parte e também da comunidade. Tornando-os comunicadores e representantes da realidade e do universo folclórico em que estão imersos.

É possível perceber que para os brincantes as festividades vão além da ideia da apresentação e do período de maior evidência, mas fazem parte de sua formação enquanto pessoas e atores culturais. Para estas pessoas, este espaço é um encontro entre suas experiências e suas vivências, além de um ambiente de auxílio para a identificação de reforço de suas identidades individuais e coletivas, passando pela compreensão de ideias e conflitos que vivem com a sociedade e pela troca de suas experiências e dores.

Perceber tudo isso torna possível compreender o impacto da Covid-19 na vida e rotina desses indivíduos, não apenas como algo que pode lhes causar mal físico, mas como uma pandemia pode desestruturar as bases sociais e culturais de um recorte já marginalizado de um povo, que encontra em si mesmo força para seguir adiante. Parte desse ponto a necessidade de voltar outras pesquisas científicas para o impacto da pandemia em outros recortes como o econômico e psicossocial.

Notou-se que a identidade do quadrilheiro foi reforçada no desejo de fazer com que a festa continuasse. O anseio deste povo pelo retorno das quadrilhas é também uma súplica por espaço e pelo retorno das vivências que agora não fazem mais parte de seus cotidianos, pelas palavras trocadas, os momentos de alegria e de afeto. Já são dois longos anos longe do calor do povo e dos encontros festivos. Percebeu-se que o calor dessas festas não está apenas nas fogueiras, mas também na rotina de se sentir parte de algo que se vive todos os dias, nas palavras e nos gestos, nas amizades e nos abraços. Com o avanço da vacinação a cada dia, sobra ainda a esperança dos quadrilheiros, para dias em que possam voltar aos seus espaços e dançar seus passos marcados ao som das músicas que emanam alegria. Eles já têm começado.

REFERÊNCIAS

- ADAMI, Antônio. **PROPOSIÇÃO PARA O USO DA METODOLOGIA DA HISTÓRIA ORAL NA PESQUISA EM FOLKCOMUNICAÇÃO**. Disponível em: <<https://www.revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/569/files/journals/1/articles/beritaterkinipilkada.html>>. Acesso em: 14 dez. 2019.
- ANJOS, Ana Carolina Costa; JARDIM, Elâine Nolêto; TAMIOSO, Sarah. **O Processo de Ancoragem das Festas Juninas no Jornalismo Impresso**: Caderno Arte&Vida. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-1811-1.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2017.
- ANJOS, Ana Carolina Costa. **Do Girassol ao Capim Dourado**: a apropriação de elementos da natureza na construção de símbolos político-identitários no Estado do Tocantins. 2015. (330p). Dissertação. (Mestrado em Ciências do Ambiente) – Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2015
- ANDRADE, I. R. C.; LUCENA FILHO, S. A.; MAUX, S.; SOUZA, G. G. S. P.; **Prepare o seu coração para as coisas que eu vou contar**: Performances Folkcomunicacionais construtoras do Desenvolvimento Local na Quadrilha Junina Tradição. Disponível em: <<http://anaisfolkcom.redefolkcom.org/index.php/folkcom/article/view/12>>. Acesso em 22 dez. 2018.
- ARAÚJO, Osmar Ribeiro; SANTOS, Sônia Maria. **História oral**: vozes, narrativas e textos. In: Cadernos de História da Educação. n. 6, p. 191-201, jan./dez. 2007.
- BARROS; SILVA. **Método história oral de vida**: contribuições para a pesquisa qualitativa em terapia ocupacional. Revista Terapia Ocupacional. São Paulo, v. 21, n. 1, p. 68-73, jan./abr. 2010. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4472427/mod_resource/content/1/historia%20de%20vida%20TO.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2019.
- BAUMAN, Zigmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 2005.
- BELTRÃO, Luiz. Folkcomunicação: **A comunicação dos marginalizados**, São Paulo: Cortez, 1980.
- BENJAMIN, Roberto. “Devoções populares não-canônicas na América Latina: uma proposta de pesquisa”. **Revista SIGNOS**. Ano 25 n° 01. Lajeado: Univates, 2004.
- BORGES, Laís Gomes. 2019. "Performance - Victor Turner". In: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <<http://ea.fflch.usp.br/conceito/performance-victor-turner>>. Acesso em: 27 abr. 2019.
- CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Projeto de Lei N.º 2.207-B, DE 2007**. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=AC47AAE815>

[A9542A4A78A7834322C8B7.node1?codteor=591659&filename=Avulso+-PL+2207/2007>](#). Acesso em: 10 dez. 2018.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Thiago Silva de; PAIVA, Antônio Cristian Saraiva. **São João em tempos de Covid-19: os impactos da pandemia do novo coronavírus nas experiências de participantes de quadrilhas juninas no interior cearense**. Horizontes Antropológicos [on-line]. 2021, v. 27, n. 59. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-71832021000100015>>. Acesso em: 29 jun. 2021.

CORRÊA et al. **Entre o interacional e o interseccional: contribuições teórico-conceituais das intelectuais negras para pensar a comunicação**. Revista Ecopós, v. 21, n. 3, 2018.

DEMARCHI, André Luis Campanha. **A grande fúria do mundo: Legião Urbana, juventude e rock** [recurso eletrônico] / André Luis Campanha Demarchi. Palmas: EDUFT, 2019.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREITAS, E.C; PRODANOV, C.C. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2ª ed. Universidade Feevale – Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, 2013.

GARMATTER et al. **VIRTUALIZAÇÃO DA CULTURA E A PANDEMIA DA COVID-19**. Disponível em: <<https://www.gedai.com.br/virtualizacao-da-cultura-e-a-pandemia-da-covid-19/>>. Acesso em: 29 jun. 2021.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: Martin Bauer; George Gaskell (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 65-88.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOBBI, Maria Cristina. A mídia das comunidades periféricas, *In: RIO DE JANEIRO (Cidade)*. Secretaria Especial de Comunicação Social. **Folkcomunicação – a mídia dos excluídos**. Rio de Janeiro: A Secretaria, 2007. 114p. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204433/4101409/estudos17.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

HABERMA.S, Jurgen. **Teoria de la acción comunicativa**. Madrid: Taurus, 1988.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva & Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HUSSERL, Edmund. **Meditações Cartesianas**: introdução à fenomenologia. São Paulo: Madras. 2001.

KRAN, Faída; FERREIRA, Frederico Poley Martins. **Qualidade de vida na cidade de Palmas - TO**: uma análise através de indicadores habitacionais e ambientais urbanos. *Ambient. soc.*, Campinas, v. 9, n. 2, dez. 2006.

JARDIM; Elaine Nolêto. **Festas juninas de Palmas-TO**: Uma análise folkmediática das reportagens do Jornal Anhanguera 1ª Edição – Palmas, TO, 2017.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin. A entrevista narrativa. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Petrópolis**: Vozes, 2002. p. 90-113.

LEITE, Amanda M. P.; MENESES, Verônica Dantas (org.). **Mídia, imagem e cultura - Vivências de extensão universitária**. Palmas: Eduft, 2020. 85 p.

LUCENA FILHO, Severino Alves de. **Festa Junina em Portugal**: marcas culturais no contexto de folkmarketing. João Pessoa: UFPB, 2012.

MARQUES DE MELO, José. **Mídia e Cultura Popular**. História, taxionomia e metodologia da folkcomunicação. São Paulo: Paulus, 2008.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

_____. **Manual de história oral**. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1996.

MENESES; SILVA. **Quadrilha Junina Cafundó do Brejo**: cultura, identidade e solidariedade. Disponível em: <<https://doity.com.br/media/doity/submissoes/artigo-3f823cf3807543d112bdbe6978c7fe28a7c1d40a-arquivo.pdf>>. Acesso em> 21 nov. 2021.

MENESES, V. D. TESKE, W. Estado da arte dos estudos Folkcomunicacionais no Tocantins: a projeção da identidade e cultura tocantinense em diversos espaços e plataformas. In: NOBRE, I. M. LIMA, M. E. O. **Cartografia da Folkcomunicação**: o pensamento regional brasileiro e o itinerário de internacionalização. Campina Grande: EDUEPB, 2019. Disponível em: <<http://eduepb.uepb.edu.br/download/cartografia-da-folkcomunicacao/>>. Acesso em: 24 jan. 2021.

MENESES, V. D.; RIBEIRO; C. J. S. **Reelaboração e invenção nas quadrilhas juninas do Tocantins**. RIF, v. 13, n 30, p. 116-134, dezembro de 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/1817/1316>>. Acesso em: 10 mai. 2017.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Da observação participante à pesquisa-ação em comunicação: pressupostos epistemológicos e metodológicos. **Anais do XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Belo Horizonte. 2003. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_coloquio_peruzzo.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2018.

PREFEITURA DE PALMAS. **Edital N° 007/2018/FCP – 26° Arraiá Da Capital** Disponível em: <http://www.palmas.to.gov.br/media/doc/23_4_2018_13_17_52.pdf>. Acesso em 13 dez. 2018.

PREFEITURA DE PALMAS. **EDITAL N° 009/2019/FCP – 27° ARRAIÁ DA CAPITAL.** Disponível em: <https://www.palmas.to.gov.br/media/doc/29_3_2019_0_30_28.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2019.

RIBEIRO, Carla Josyenne Schultes. **Quadrilhas Juninas: Entre a apropriação da cultura nordestina e a construção da identidade tocantinense.** 2013. 100f. Monografia (Graduação em Comunicação Social) - Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Palmas, 2013.

REYNA, C. P. **Vídeo e pesquisa antropológica: encontros e desencontros.** Biblioteca online de Ciências da Comunicação. 1997. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/reyna-carlosvideo-pesquisa.pdf>>. Acesso em: 27 abr. 2019.

SCHMIDT, C. Folkcomunicação: uma metodologia participante e transdisciplinar. In: **CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE FOLKCOMUNICAÇÃO, 7., 2004, Lajeado.** Anais... Disponível em: <<http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=folkcom&page=article&op=view&path%5B%5D=574&path%5B%5D=408>>. Acesso em: 17 fev. 2020.

SIBILIA, Paula. **Autenticidade e performance: a construção de si como personagem visível.** Revista Fronteiras. v. 17, n. 15, pp. 01-12, 2015

SILVA, Valéria Cristina Pereira da. **Palmas, a última capital projetada do século XX: uma cidade em busca do tempo.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. (Coleção PROPG Digital - UNESP). ISBN 9788579830921. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/110754>>. Acesso em: 17 fev. 2020.

SOUZA, Giselle Gomes da Silva Prazeres et al. Prepare o seu coração para as coisas que eu vou contar: performances folkcomunicacionais construtoras do Desenvolvimento Local na Quadrilha Junina Tradição, Recife-PE. **Anais da Conferência Brasileira de Folkcomunicação - Folkcom**, [S.l.], n. XVIII, abr. 2017. ISSN 2236-2924. Disponível em: <<http://anaisfolkcom.redefolkcom.org/index.php/folkcom/article/view/12>>. Acesso em: 01 jun. 2019.

TEIXEIRA, J. de S. (2010). **Festa e identidade.** Comunicação & Cultura, (10), 17-33. Disponível em: <<https://doi.org/10.34632/comunicacaoecultura.2010.541>>. Acesso em: 01 jun. 2019.

TESKE, Wolfgang. **Identidade quilombola, Mineração e Novas Tecnologias: uma análise folkcomunicacional da comunidade Lagoa da Pedra, Arraias - TO.** Tese (Doutorado). Universidade Federal do Tocantins. Câmpus Universitário de Palmas. Curso de Pós-Graduação (Doutorado) em Ciências do Ambiente, 2018.

TESKE, Wolfgang. Teoria da Folkcomunicação: da Origem aos Processos Folkmediáticos, *In*: MARQUES DE MELO, José; FERNANDES, Guilherme Moreira (Orgs.). **Metamorfose da Folkcomunicação**. Editae. São Paulo, 2013.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **Folkcomunicação: ativismo midiático**. Paraíba: Editora Universitária da UFPB, 2008.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

APÊNDICES

Apêndice 01 - Roteiro de perguntas para entrevista para os integrantes do movimento junino

Integrantes das quadrilhas

- O que a cidade de Palmas representa para você? O que faz de você um (a) palmense?
- O que faz você ser um quadrilheiro(a)? O que o (a) motiva? Quem o (a) influenciou? Como começou a se identificar como um quadrilheiro (a)?
- Como era ser quadrilheiro (a) antes da pandemia? Como é ser agora?
- Qual foi o impacto que a pandemia trouxe para você enquanto ator(a) cultural?
- Como integrante de um grupo, você teve que se reinventar nas redes sociais ou ajudar seu grupo, para ressignificar a festa? Como foi?
- Como vocês tiveram que se reinventar para garantir a tradição das quadrilhas juninas?
- Qual a sua expectativa no meio junino para os próximos anos?

Apêndice 02 - Relato de campo

Particpei de cinco dias do Arraiá da Capital na versão em *live* no YouTube. No evento teve apresentação de 15 grupos de quadrilha em quatro categorias: na ordem, escolha de rainhas, casal cangaço, casal de reis e casal de noivos. No quinto dia, houve a apuração do resultado para todas as categorias, com exceção a escolha da rainha, que foi feita no primeiro dia. Além das apresentações dos quadrilheiros, houve a participação de bandas regionais.

A apresentação da *live* foi feita pelo palhaço Batatinha, Valmir e Marquinhos. Com a direção de Nival Correia. O portal G1, a TV Assembleia e o SBT transmitiram o evento, que contou com a participação do público por meio de interações no Instagram e no YouTube.

O porte da *live* foi grandioso, considerando a quantidade de equipamentos de áudio e vídeo dispostos pela locação da *live*, bem como a quantidade de pessoas atuantes nas equipes. É notório que houve aglomeração de pessoas nos bastidores do evento. Além disso, todas as pessoas que se apresentaram não usavam máscaras e não se sabe (informação para se obter) se essas pessoas realizaram teste do novo coronavírus.

Enquanto jurada, posso dizer que notei nesses cinco dias que a animação das apresentações é bem inferior à quando o evento ocorria presencialmente. Das 60 notas que dei, ao menos um terço desse número teve problemas com animação e desenvoltura da performance. No entanto, pude perceber o esforço de casa integrante dos grupos por dar o seu melhor, por correr atrás de se apresentar para não deixar o sentimento junino se esvair. Choros tomaram de conta da pós apresentação. Outra coisa que notei foi que muitas equipes não desenvolveram passos da dança e o figurino com afinco, muitas com a justificativa que tiveram pouco tempo para se preparar.

Uma outra coisa marcante foi a prefeitura de Palmas ter ligado as luzes do Natal no segundo dia do Arraiá. O Papai Noel teve participação especial no evento "Mérito do Papai Noel, que foi acolhido pelos casais das juninas. Olha a coincidência: São João foi o porta-voz do anúncio da chegada de Cristo e eis que o filho de Deus nasceu bem no Natal. Por causa da pandemia, as luzes de Natal e as juninas deste ano foram juntas e misturados", fala da jornalista Ivonete Motta.

Uma coisa perceptível enquanto jurada foi a burocracia para pontuar os grupos: tivemos que preencher fichas de 15 grupos durante quatro dias, a mão e em tempo curto. Era uma correria com o tempo apertado, questão que pode ter prejudicado a avaliação dos grupos.